A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • JUNHO DE 1993

A LIAHONA

JUNHO DE 1993

Na Capa:
Um dos muitos conversos da Dinamarca, Annette Mathiasen Jensen não apenas aceitou as palestras missionárias, como também decidiu que queria ser missionária e servir por dois anos em sua terra natal. Vide "Mar, Terra e Almas na Dinamarca", página 36. (Fotografia de Giles H. Florence, Jr.)

Capa da *Seção Infantil*:
Fotografia de Melanie Shumway

DESTAQUES

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: CREMOS EM SER HONESTOS PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY 2

APENAS MAIS UMA REUNIÃO SACRAMENTAL PAT ALLRED BURNELL 14

EM BUSCA DA RESTAURAÇÃO ANGELO SCARPULLA 16

CONVERSA SORRE A IGREJA NA AMÉRICA CENTRAL 21

ORANDO COMO ENOS CHRISTIE ANN GILES 24

JOSEPH SMITH: AS BÊNÇÃOS DO RELACIONAMENTO FAMILIAR ARTHUR R. BASSETT 26

MAR, TERRA E ALMAS NA DINAMARCA GILES H. FLORENCE, JR. 36

O CANTO DA GRATIDÃO LISA RAY TURNER 46

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

UM DIA EM DOMRO TOMRO ESINATH MUTUMANJI 8

RUSCA E RESGATE LARRY HILLER 10

PARA SUA INFORMAÇÃO 33

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS 1

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: COMO LIDAR COM DEFICIÊNCIAS 25

SEÇÃO INFANTIL

JUAN CARLOS E A CAMISA DA CONFERÊNCIA JAN M. SMITH 2

TEMPO DE COMPARTILHAR: O TEMPLO É UM LOCAL FELIZ JUDY EDWARDS 6

TRUMAN O. ANGELL: CONSTRUTOR DO REINO SHANNON W. OSTLER 8

BONECA FEITA DE LENÇO JUDIE FORDHAM 12

DAVID O. MCKAY KELLENE RICKS ADAMS 14

A ESTRADA DE JERICÓ PRESIDENTE THOMAS S. MONSON 16

JUNHO de 1993, Vol. 17, nº 6
93986 059 São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência: Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze: Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores: Rex D. Pinegar, Charles Didier, Robert E. Wells
Editor: Rex D. Pinegar
Diretor Gerente do Departamento de Currículo: Ronald L. Knighton
Diretor de Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:
Editor Gerente: Brian K. Kelly
Editor Gerente Assistente: Marvin K. Gardner
Editor Associado: David Mitchell
Editora Assistente/Seção Infantil: DeAnne Walker
Controlador: Diana Van Staveren
Supervisão de Arte: M. M. Kawasaki
Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen
Desenho: Sharri Cook
Produção: Reginald J. Christensen, Steven L. Dayton, Jane Ann Kemp, Denise Kirby
Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:
Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance
Editor: Paulo Dias Machado
(Reg. 8966-35-02 - RJ)
Tradução e Notícias Locais: Ana Gláucia Ceciliato
Assinaturas: Loacir Severo Nunes

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

**Departamento de Assinaturas,
05599-970 – Caixa Postal 26023,
São Paulo, SP.**

Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr$ 320.000,00**; para Portugal – Centro de Distribuição Portugal, Rua Ferreira de Castro, 10 - Miratejo, 2800 - Almada. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **Cr$ 30.000,00**. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA – © 1977 por A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados.
Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês, tcheco, húngaro e russo. Impressão: ULTRAPRINT Impressora Ltda. - Rua Bresser, 1224 - Brás - São Paulo - SP.
Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - 05512-300 - Telefone (011) 814-2277.

The *A Liahona* (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price $9,00 a year. $1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

Printed in Brazil

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

LIAHONA NA RÚSSIA

Obrigado pelos artigos interessantes e úteis publicados na *Liahona* (em espanhol).

Aprecio particularmente a revista, agora que estou morando na Rússia. Sou de Lima, Peru; estou aqui cursando o terceiro ano de agronomia.

Sou membro da Igreja desde 1985. Depois de terminar meus estudos, gostaria de voltar à Rússia como missionário de tempo integral.

A Igreja cresce rapidamente na Rússia; a maioria dos membros moram nas cidades de São Petersburgo e Moscou. A cidade de Kiev, na Ucrânia, também tem alguns membros.

Gostaria de compartilhar meu testemunho de fé e esperança no Salvador, com toda a juventude da Igreja no mundo. Nós podemos fazer tanto!

Jesualdo Condori Mamani
Krasnodar
Rússia

UM INSTRUMENTO MISSIONÁRIO VALIOSO

Acredito que gostariam de saber dos resultados de minha carta "Exemplos Vivos", publicada na edição de abril, sessão de Comentários.

A publicação de minha carta despertou-me o desejo de compartilhar meu testemunho da maravilhosa revista *A Liahona* (em português), assim como minha gratidão por ela.

Mostrei a carta aos meus amigos e um deles se interessou pela revista e seu conteúdo. Ao folhear as páginas, seu interesse aumentou. Quis saber mais a respeito da publicação e imediatamente aceitou minha oferta de um ano de assinatura.

Sua reação convenceu-me de que a revista é bem mais do que um simples periódico — é um instrumento missionário valioso. O conteúdo da revista exemplifica o evangelho de Jesus Cristo na vida dos santos dos últimos dias espalhados pelo mundo. Contém mensagens inspiradoras de nossas queridas Autoridades Gerais, sempre mostrando o caminho da retidão. Ao lermos as histórias inspiradoras publicadas em *A Liahona*, sentimo-nos tocados pelos belos exemplos de coragem, trabalho, testemunho e fé de nossos irmãos no evangelho. Suas experiências têm uma influência positiva em nossa vida. A revista é um tesouro precioso.

Ao presentearmos nossos amigos não-membros com a revista da Igreja, ajudamos a introduzir o evangelho restaurado em suas casas. Assim fazemos a obra missionária de uma forma fácil e agradável.

Elson Carlos Ferreira
Ala Ponta Grossa II
Estaca Ponta Grossa Paraná

CAPA A CAPA

Toda vez que recebo *Sheng Tu Chi Sheng* (em chinês), tenho que lê-la de capa a capa e, freqüentemente, derramo lágrimas de alegria ao ser tocado pelo Espírito.

A revista tem sido uma fonte de energia para mim enquanto sirvo o exército. Senti-me particularmente encorajado pela pintura que aparece na edição de agosto de 1992, mostrando Helamã na chefia do exército de 2000 jovens amonitas. Que grande exemplo de retidão e coragem para todos nós!

Chang, Chin-kai
Ala San Chung
Estaca Taipei Taiwan Oeste

Cremos em Ser Honestos

Presidente Gordon B. Hinckley
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Entre as muitas cartas anônimas que tenho recebido, houve uma de particular interesse. Continha uma nota de vinte dólares e um bilhete, dizendo que o remetente fora à minha casa muitos anos atrás. Como ninguém tivesse atendido à campainha, tentou abrir a porta, e, encontrando-a destrancada, entrou e andou pela casa. Na mesa de cabeceira, viu uma nota de vinte dólares, pegou-a e saiu. Durante anos, doera-lhe a consciência e, agora, estava devolvendo o dinheiro.

Ao ler a carta, pensei nos juros excessivos a que o próprio autor da carta se submetera por um quarto de século com seu constante problema de consciência.

Ele não incluiu juros pelo período em que fez uso do meu dinheiro, mas, ao ler sua comovente carta, pensei nos juros excessivos a que ele próprio se submetera, por um quarto de século, com seu constante problema de consciência. Não tivera paz enquanto não fez a restituição.

Lembro-me de quando os jornais locais publicaram uma história semelhante. O Estado de Utah recebeu um bilhete anônimo, com duzentos

dólares. O bilhete dizia: "O dinheiro anexo é pelo material que usei durante os anos em que trabalhei para o Estado — como envelopes, papéis, selos, etc.".

Imaginai a montanha de dinheiro que inundaria os escritórios do governo, de empresas e de comerciantes, se todos os que furtaram um pouco aqui e um pouco ali devolvessem aquilo que tiraram de maneira desonesta.

O custo de cada produto do supermercado, de cada gravata ou blusa comprada nas lojas inclui, para cada um de nós, uma carga extra provocada pelos furtos.

O CUSTO DA DESONESTIDADE PESSOAL

Como existem pessoas que vendem seus nomes por tão pouco! Lembro-me do caso, de ampla repercussão, de uma pessoa bem conhecida do público que foi presa por haver roubado uma mercadoria que custava menos de cinco dólares. Não sei se ele chegou a ser condenado nos tribunais, mas seu pequeno crime condenou-o perante as pessoas. De certa forma, essa tola ação arruinou muito do bem que ele já fizera e ainda era capaz de fazer.

Toda vez que entramos num avião, pagamos um custo extra a fim de que, por medida de segurança, nós sejamos revistados e nossa bagagem também. No total, isso chega a milhões de dólares, por causa da assustadora desonestidade de alguns que, por meio de ameaças ou chantagem, tentariam obter aquilo a que não têm direito.

Reivindicações fraudulentas de pagamento de seguros, relatórios de despesas aumentados, cheques e documentos falsificados — tudo isso são exemplos de uma epidemia de proporções inacreditáveis. Na maioria dos casos, a quantia envolvida individualmente é pequena, mas, no total, isso representa um exorbitante índice de desonestidade pessoal.

RETIDÃO PESSOAL

Algumas pessoas podem considerar a qualidade de caráter conhecida por honestidade como assunto trivial. Eu, porém, acredito que é a própria essência do evangelho. Sem honestidade, nossa vida e a estrutura de nossa sociedade desintegram-se, tornando-se algo monstruoso e caótico.

O livro do Gênesis contém uma declaração notável: "Abrão . . . disse ao rei de Sodoma: Levantei minha mão ao Senhor, o Deus Altíssimo, o Possuidor dos céus e da terra,

Que desde um fio até à correia dum sapato, não tomarei cousa alguma de tudo o que é teu" (Gênesis 14:22–23).

Felizmente, ainda há quem observe os princípios de retidão pessoal. Lembro-me de ter tomado um trem de Osaka para Nagoya, no Japão. Na estação, amigos nos esperavam para dar-nos as boas-vindas e, na agitação, minha esposa esqueceu a bolsa no trem. Telefonamos para a estação de Tóquio para relatar o ocorrido e, quando o trem chegou ao seu destino, três horas depois, telefonaram-nos da ferrovia para informar-nos que haviam encontrado a bolsa. Não iríamos voltar por Tóquio, e, assim, levou mais de um mês para a bolsa nos ser entregue em Lago Salgado, intata.

Tais experiências, temo eu, estão-se tornando cada vez mais raras. Em nossa infância, nos Estados Unidos, ouvíamos as histórias sobre George Washington, que confessou ter cortado uma cerejeira; e sobre Abraham Lincoln, que andou uma longa distância para devolver uma moeda ao verdadeiro dono. Pessoas pessimistas, contudo, com um zelo inoportuno, destruíram a fé nesse tipo de honestidade; a mídia, em casos excessivamente numerosos, tem-nos mostrado um verdadeiro desfile de fraudes, nas muitas formas hediondas.

Lembro-me do caso de uma pessoa bem conhecida do público que foi presa por haver roubado uma mercadoria que custava uns poucos dólares. Não sei se ela chegou a ser condenada nos tribunais, mas seu pequeno crime condenou-a perante as pessoas.

O que antes era controlado pelos padrões de ética e moral das pessoas, hoje é controlado pela lei. E assim, as leis se multiplicam, a polícia consome um montante cada vez maior de dinheiro e as instalações penitenciárias são constantemente ampliadas — mas a torrente de desonestidade continua e aumenta.

A FALSIDADE NÃO É NOVA

É claro que a falsidade não é algo novo. É tão velha quanto o homem. "E disse o Senhor a Caim: Onde está Abel, teu irmão? E ele disse: Não sei: sou eu guardador do meu irmão?" (Gênesis 4:9).

O profeta Malaquias, da antiga Israel, perguntou: "Roubará o homem a Deus? todavia vós me roubais, e dizeis: Em que te roubamos? nos dízimos e nas ofertas alçadas.

Com maldição sois amaldiçoados, porque me roubais a mim, vós, toda a nação" (Malaquias 3:8–9).

Mesmo após o milagre de Pentecostes, algumas pessoas que se haviam filiado à Igreja praticaram a fraude. Os conversos venderam suas terras e depositaram o dinheiro aos pés dos apóstolos.

"Mas um certo varão chamado Ananias, com Safira, sua mulher, vendeu uma propriedade.

E reteve parte do preço, sabendo-o também sua mulher; e, levando uma parte, a depositou aos pés dos apóstolos.

Disse então Pedro: Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, e retivesses parte do preço da herdade?

Guardando-a não ficava para ti? E, vendida, não estava em teu poder? Por que formaste este desígnio em teu coração? Não mentiste aos homens, mas a Deus.

E Ananias, ouvindo estas palavras, caiu e expirou . . .

E, passando um espaço quase de três horas, entrou também sua mulher, não sabendo o que havia acontecido.

E disse-lhe Pedro: Dize-me, vendeste por tanto aquela herdade? E ela disse: Sim, por tanto.

Então Pedro lhe disse: Por que é que entre vós vos concertastes para tentar o Espírito do Senhor? . . .

E logo caiu a seus pés, e expirou." (Atos 5:1–10.)

DESONESTIDADE EM ROUBAR, ADULTÉRIO

Em nossa época, as pessoas pilhadas em uma ação desonesta não morrem, como aconteceu com Ananias e Safira, mas algo dentro delas sim. A consciência fica anestesiada, o caráter definha, o auto-respeito desaparece, a integridade morre.

No monte Sinai, o dedo do Senhor escreveu a lei nas tábuas de pedra: "Não furtarás" (Êxodo 20:15). Não houve ampliação ou racionalização desse mandamento, que depois foi acompanhado por três outros, a violação dos quais envolve a desonestidade: "Não adulterarás". "Não dirás falso testemunho". "Não cobiçarás" (Êxodo 20: 14, 16, 17).

Já se disse que a palavra de um homem vale tanto quanto um documento. Para mantermos a santidade do encargo que nos foi dado, não podemos ser menos do que honestos, verdadeiros e virtuosos.

Já houve alguma vez adultério sem desonestidade? Na linguagem popular, o adultério é considerado um engodo. E realmente o é, pois rouba a virtude, a lealdade, as promessas sagradas, o auto-respeito e a verdade. Envolve a mentira. É desonestidade pessoal da pior espécie, pois trai a mais sagrada das relações humanas e rejeição dos convênios e promessas feitos diante de Deus e do homem. É a sórdida violação da confiança, o abandono egoísta da lei de Deus. E, como outras formas de desonestidade, seus frutos são tristeza, amargura, cônjuges inconsoláveis e crianças traídas.

MENTIRA

"Não dirás falso testemunho." Na essência desse mandamento encontramos novamente a desonestidade. A televisão mostrou a história de uma mulher que ficou presa durante vinte e sete anos, tendo sido condenada pelo testemunho de pessoas que, mais tarde, apareceram para confessar que haviam mentido. Sei que esse é um caso extremo, mas não estamos familiarizados com exemplos de reputações destruídas, de corações partidos, de carreiras arruinadas por línguas mentirosas de pessoas que prestaram falso testemunho?

Li um livro de História, um longo e detalhado relato das trapaças praticadas pelas nações envolvidas na Segunda Guerra Mundial. O tema do livro é tirado das palavras de Winston Churchill, que disse: "Em tempo de guerra, a verdade é tão preciosa que deveria ser sempre acompanhada de um guarda-costas para protegê-la das mentiras" (*The Second World War*, volume 5, *Closing the Ring*, Boston, Houghton Mifflin, 1951, página 383). O livro fala dos muitos engodos perpetrados em cada lado do conflito. Sua leitura leva novamente à conclusão de que a guerra é o próprio jogo do demônio e que a verdade está entre suas principais vítimas.

Infelizmente, o uso fácil de falsidades e engodos continua, muito depois de terem sido assinados tratados de paz, e os homens treinados na arte de enganar em tempos de guerra continuam a usar suas aptidões em tempos de paz. Então, como uma doença endêmica, o mal se espalha e cresce sua virulência.

AVAREZA

"Não cobiçarás." Não é a cobiça — esse mal que corrói — raiz da maioria das tristezas do mundo? Por que ninharia os avarentos negociam sua vida! Certa vez, li um livro que tratava dos funcionários de uma instituição financeira. Com a morte do presidente, um vice-presidente sênior concorreu à vaga. A história era o relato de um homem honrado e capaz, mas que, por cobiçar melhores posições, comprometeu princípio após princípio até arruinar completamente sua vida. Nesse processo, quase acabou com a própria instituição que esperava liderar. O relato era fictício, mas as histórias de negócios, governos, instituições de vários tipos estão repletas de exemplos de pessoas gananciosas que, na

tentativa egoísta e desonesta de obter vantagens financeiras, destruíram outros e, finalmente, a si próprios.

Boas pessoas, homens bem intencionados de grande capacidade, trocam o caráter por bagatelas que, depois, se lhes desintegram diante dos olhos. Seus sonhos transformam-se apenas em pesadelos obsessivos.

UM HOMEM HONESTO: A MAIS NOBRE OBRA DE DEUS

Que jóia preciosa é o homem ou mulher em quem não há dolo, nem engano, nem falsidade. O autor do livro de Provérbios escreveu:

"Estas seis cousas aborrece o Senhor, e a sétima a sua alma abomina:

Olhos altivos, língua mentirosa, e mãos que derramam sangue inocente:

Coração que maquina pensamentos viciosos; pés que se apressam a correr para o mal;

Testemunha falsa que profere mentiras: e o que semeia contendas entre irmãos." (Provérbios 6:16–19.)

A avaliação feita há muito tempo pelo poeta inglês é ainda verdadeira: "Um homem honesto é a obra mais nobre de Deus" (Alexander Pope, *An Essay on Man*, Epístola III, linha 248). Onde há honestidade, há outras virtudes.

A HONESTIDADE É UM PRINCÍPIO BÁSICO

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias afirma que "cremos em ser honestos,verdadeiros, castos, benevolentes, virtuosos e em fazer o bem a todos os homens" (Décima Terceira Regra de Fé).

Para mantermos a santidade do encargo que nos foi dado, não podemos ser menos do que honestos, verdadeiros e virtuosos.

Já se disse que a palavra de um homem vale tanto quanto um documento. Seremos menos confiáveis ou menos honestos que nossos antepassados?

Aqueles que vivem o princípio da honestidade sabem que o Senhor realmente os abençoa. Deles é o precioso direito de manter a cabeça erguida à luz do sol da verdade, desembaraçadamente diante de qualquer homem. Se qualquer membro desta Igreja tem necessidade de arrepender-se, que comece agora.

Irmãos, o Senhor exige que seu povo seja honesto. Que cada um de nós deseje de todo o coração ser honesto em seus relacionamentos e em tudo o que fizer. Deus nos ajudará, se procurarmos a força que dele emana. Então, doce será nossa paz de espírito e nossa vida. Abençoados serão aqueles com quem vivemos e nos associamos. E Deus nos abençoará e guiará com amoroso cuidado. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. A qualidade de caráter conhecida como honestidade é a própria essência do evangelho.

2. Sem honestidade, nossa vida e a estrutura da nossa sociedade desintegram-se, tornando-se algo monstruoso e caótico.

3. Quando alguém é desonesto, a consciência fica anestesiada, o caráter definha, o auto-respeito desaparece, a integridade morre.

4. A honestidade é a essência de pelo menos quatro dos dez mandamentos — não roubar, não cometer adultério, não mentir e não cobiçar.

5. A honestidade permite-nos estar desembaraçados diante de qualquer pessoa. Os honestos são abençoados com paz de espírito e merecem o amor e cuidado de Deus.

UM DIA
EM DOMBO TOMBO

Sua honestidade foi recompensada com algo muito mais importante que dinheiro.

Esinath Mutumanji

Hoje de manhãzinha, fui aos escritórios da prefeitura em Dombo Tombo, Zimbábue. Enquanto eu estava na fila, uma mulher acidentalmente deixou cair uma nota de vinte dólares. Vi e avisei-a. Ela apanhou a nota do chão e disse: "Obrigada".

Muitas das pessoas da fila comentaram: "Que idiota! Que boba! Por que não pegou o dinheiro e guardou-o para si?".

Eu, porém, respondi: "Não, eu nunca faria isso, pois sou uma filha de Deus".

Quando os outros se acalmaram, um senhor que estava em pé atrás de mim perguntou-me em voz baixa: "Costuma ir à igreja? Parece ser uma boa moça".

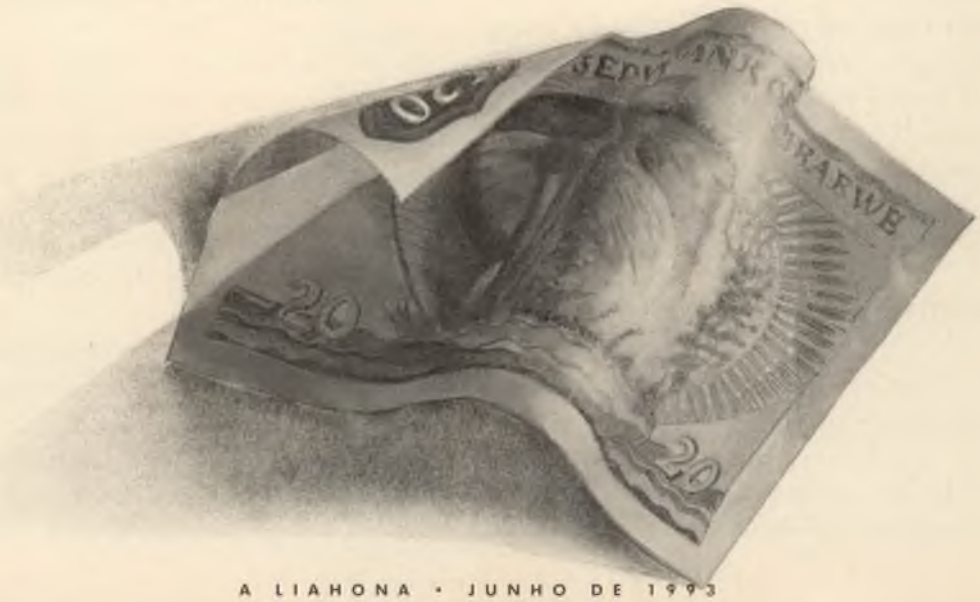
Eu disse: "Sim, eu vou à igreja".

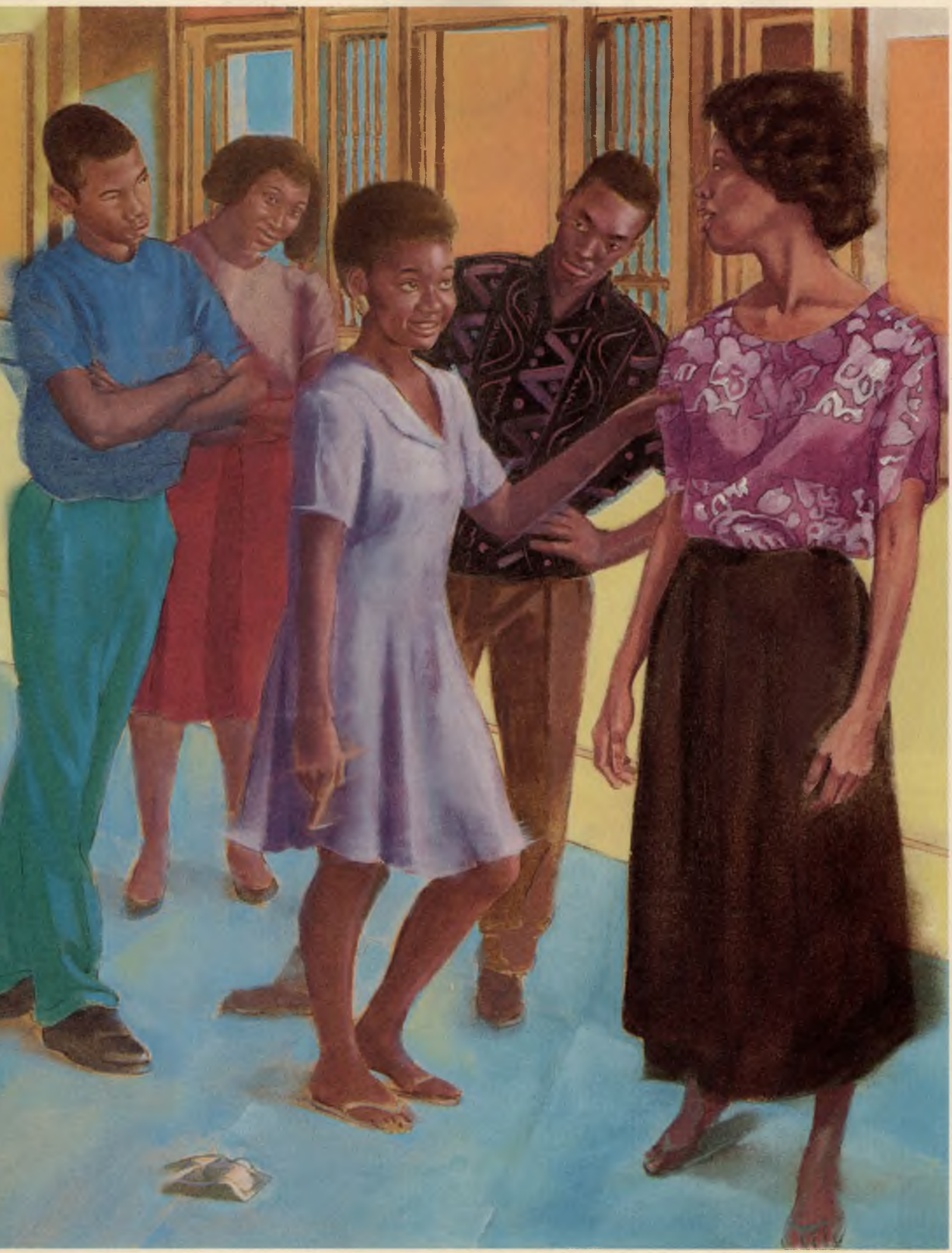
E ele perguntou: "Qual é o nome da sua igreja?".

Eu respondi: "É A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS. Se o senhor quiser, pode ir à ala de Dombo Tombo nas tardes de terça-feira, às 5h30, ou aos domingos, às 10h30. Eu o verei lá".

E o homem disse: "Oh! Sim. Eu irei!".

Por isso, estou muito feliz com o que fiz hoje. □





BUSCA E RESGATE

Tad é um jovem e tanto. Esperamos que ele nunca precise sair atrás de nenhum de nós.

Larry Hiller
FOTOGRAFIA DO PRÓPRIO AUTOR

Tad Jessop uma vez perdeu sua própria festa-surpresa de aniversário, porque não compareceu à casa de um amigo, como havia prometido.

Ele uma vez retirou-se no meio dos exames finais do colégio, para ir procurar uma pessoa. O jovem reconhece que cancelaria um encontro para o baile mais importante do ano, se recebesse um telefonema da pessoa certa.

Pode-se imaginar que Tad seja um indivíduo de quem poderíamos depender? Imaginem isto:

Um menino de nove anos, cansado de tanto andar, perdido e

tropeçando no escuro. 'À sua volta, na noite fria, as árvores e montanhas fazem negras formações contra o escuro do céu. De repente, ele ouve vozes — vozes reais — chamando seu nome. Assustado, mantém-se em silêncio.

Perto dali, Tad Jessop lidera sua equipe de resgate, seguindo um esquema de busca freqüentemente praticado. Ele foi chamado durante um serão domingueiro, por um de seus comandantes da Patrulha de Resgate de Arapaho. Agora, Tad e sua equipe se movimentam através do terreno acidentado, numa busca organizada, guiados por suas lanternas e pelas vozes uns dos outros.

Com a busca prolongando-se até a manhã seguinte, o cansaço e o frio começam a entorpecer os membros da equipe. Entretanto, nenhuma voz de menino responde a seus gritos. Não é senão várias horas mais tarde que o rádio anuncia que o menino perdido chegou a uma estrada, onde foi localizado por um guarda florestal. Enquanto Tad e sua equipe, exaustos, voltam para casa, o menino é alegremente entregue a seus pais, e depois levado ao hospital para verificação. Tad Jessop, de 18 anos, serve, há dois anos e meio, como voluntário da Patrulha de Resgate do Condado de Arapaho, em Littleton, Colorado. Ele tem participado de dezenas de missões de busca e resgate e diz que casos como esse são

bastante comuns. Sua equipe de dez componentes muitas vezes passa horas ou mesmo dias, caminhando até lhes doerem as pernas, chamando aos gritos até ficarem roucos, tudo para que uma outra pessoa tenha a agradável sensação de reunir uma criança perdida aos pais; ou de ouvir os calorosos agradecimentos de um excursionista ferido. "Na maioria das vezes, não se está na equipe que vai encontrar a vítima", diz ele. Afinal, normalmente há várias equipes trabalhando no mesmo caso, procurando em diferentes áreas predeterminadas. "Na maioria dos casos, vasculhamos uma área e podemos dizer: 'Pelo menos sabemos onde a vítima *não está*'. Pode parecer um trabalho frustrante, mas tem que ser feito".

Se é pequena a possibilidade de ter a agradável sensação de realmente encontrar a criança perdida, ou o excursionista ferido, o que mantém Tad e sua equipe em atividade? "É a preocupação com as vítimas", ele responde. "Não dá para dormir enquanto elas estão lá fora". Não importa que outra equipe sinta a emoção de achá-las. "Simplesmente sabermos que foram encontradas, já é uma grande emoção".

É claro que nem todas as vítimas são crianças perdidas. Há adolescentes e adultos. Alguns têm problemas enquanto escalam rochas. Outros se perdem ou se machucam durante caminhadas. Outros ainda, têm problemas provocados por imprudência ou por fazerem escolhas néscias. Não importa. Tad e outros como ele sempre largam qualquer coisa que estejam fazendo, para irem ao resgate. Por isso, ele usa um bip onde quer que vá. E foi por isso que ele perdeu sua festa de aniversário e também por isso teve que voltar à escola para completar os exames finais. E por esse motivo, perderia o baile do ano ("Já aconteceu a outros rapazes", ele conta). Tad e outros em idade colegial, da Patrulha de Resgate de Arapaho, passam longas horas em treinamento de emergências médicas, esquemas de busca, sobrevivência, resgate em penhascos e outros. É uma organização séria, dirigida por oficiais adultos qualificados, que operam sob a autoridade do xerife do Condado.

Como líder, Tad precisa estar constantemente informado da condição física e mental dos componentes da equipe. Um grupo que esteja fraco devido a exaustão ou fome pode cometer sérios erros, apesar de todo o treinamento. "Minha primeira responsabilidade é para com minha equipe — mantê-la em segurança", afirma. "Não se deve admitir o risco de termos mais do que uma vítima". É um trabalho que Tad encara seriamente.

Algo assim tão importante e entusiasmante pode tornar-se o centro de uma existência, se o permitirmos. A bênção patriarcal de Tad, contudo, enfatiza a necessidade do equilíbrio espiritual na vida; e ele toma cuidado para que suas atividades na Patrulha não interfiram no que não devem. "O que fazemos aqui é bom", observa, "mas não é mais importante que o evangelho". Será que isso lhe traz conflitos? "Muitos. Por exemplo, treinamento no domingo. A alguns eu vou, porque são só dois por ano e preciso estar presente; também em missões da Patrulha, quando alguém está em perigo no domingo, eu vou. Em pequenos treinamentos, porém, nos quais não é realmente necessário estar presente, a igreja vem primeiro".

Ao falar sobre o lado espiritual de sua vida, Tad vê várias semelhanças com suas atividades de busca e resgate. Por exemplo, o próprio conceito de busca e resgate. Tad serve no comitê de atividades dos jovens de sua estaca e no conselho do seminário, e sabe da importância de procurar as pessoas perdidas. Na verdade, ele diz: "O tema de uma de nossas conferências de jovens foi: Busca e Resgate. Não foi idéia minha; devo reconhecer que foi mérito de outro membro do comitê".

De forma idêntica, ambos os tipos de busca e resgate requerem mais do que o simples desejo de ajudar. Para se alcançar o efeito desejado, é necessário treinamento e preparação.

Tad e sua equipe passam longas horas em treinamento de emergência médica, esquemas de busca, sobrevivência e resgate em penhascos. A meta deles é salvar vidas sem pôr em risco as suas próprias, mas o treinamento básico pessoal de Tad inclui estudo das escrituras, orações diárias e participação no seminário.

Para Tad, o equivalente espiritual do treinamento de busca e resgate inclui orações diárias, participação na igreja e no seminário e estudo diário das escrituras. Seu estudo habitual inclui o Livro de Mórmon e *Jesus, o Cristo*. Só de ouvi-lo falar, podemos ver que seu compromisso de estudar as escrituras é profundo e pessoal, e que ele realmente tira proveito disso. E Tad não afirma, mas poderíamos até mesmo achar um equivalente espiritual para aquele bip que ele usa. É estar em sintonia com o Espírito. Para Tad Jessop, é rotina ser chamado a qualquer hora do dia ou da noite. Muitas vezes o trabalho é monótono, como montar guarda numa estrada, para o caso de um caminhante perdido aparecer. Às vezes, o resultado de uma busca é trágico. Quase sempre o trabalho é árduo. O que nunca se torna rotina é o sentimento de responsabilidade por sua equipe e pelas pessoas que eles estão tentando ajudar. Assim, Tad pode, vez por outra, perder uma festa de aniversário ou sair correndo da escola, mas ele é exatamente o tipo de rapaz de quem se pode depender. Ele é preparado e importa-se. O que mais se pode querer? E quando ele for chamado para aquela outra missão para a qual se está preparando — aquela que dura dois anos — sabemos que vai ter o mesmo empenho. E isso é bom, pois há um grande número de pessoas perdidas caminhando por aí. □

Enquanto participa de missões de busca e resgate, Tad prepara-se para outro tipo de missão — encontrar a "ovelha perdida" do Senhor, a qual precisa ser trazida de volta ao rebanho.

Apenas Mais uma Reunião Sacramental

Pat Allred Burnell

Era apenas uma reunião sacramental comum. Naquele momento, santos dos últimos dias assistiam a reuniões sacramentais em milhares de capelas em todo o mundo. Algo aconteceu, porém, para tornar fora do comum essa reunião sacramental.

Depois de distribuído o sacramento, fiquei olhando ao meu redor, enquanto o bispo se levantava para falar. Lá estava a família Spillman. Jane estava em frente ao bispo, o braço repousando nas costas do marido, Richard, que segurava o caçula, Tommy, observando-lhe o rosto, enquanto lhe dava uma mamadeira. Isso atraiu minha atenção para Joel, sempre tão gentil, que acariciava a cabeça do irmãozinho.

Experiências espirituais surgem de várias formas. Ao olhar para os Spillmans, senti paz no ambiente da capela. Comecei a olhar em volta e reparei em algumas imagens maravilhosas.

Ashley Anderson, de quatro anos, que estava sentada na frente com a mãe, foi até a última fileira e sentou-se no colo do irmão Deloy Nielsen. Horas incontáveis de ajuda no berçário haviam-no transformado no "avô adotivo" de muitas criancinhas que o amavam.

Chegou a hora do testemunho. Um casal idoso, que eu nunca vira antes, sentara-se no meio da capela. Ele tinha o braço nos ombros dela e as cabeças grisalhas inclinavam-se uma para a outra.

Um rapaz levantou-se e mostrou calmamente a saída a uma criança.

Era Gary, filho de Mindy e David. Um espírito doce ia tomando conta do ambiente à medida que as famílias se fortaleciam, sentindo-se espiritualmente mais próximas umas das outras.

A filhinha de Dallas estava sentada no colo do pai. Virou-se e abraçou-o. O pequeno Donelle ia de Jackie para Wayne, à procura de abraços e carinhos. A capela, naquele momento, era um lugar especial, com um espírito especial.

O recém-batizado Jared, filho de Kim, prestou testemunho e depois foi sentar-se ao lado do pai. Mais testemunhos foram prestados, e os membros continuavam a sentir o espírito.

Naquele instante pensei novamente nos santos reunidos em salas, auditórios alugados e capelas em todo o mundo, desfrutando aquele mesmo espírito. Mesmo membros como eu, que moram longe da família ou que perderam entes queridos, não se encontravam realmente sozinhos. Estávamos todos juntos para esse momento especial, num domingo comum, numa ala comum, numa estaca comum de Sião.

Apenas mais uma reunião sacramental? Tudo depende da forma como a vemos. □

FOTOGRAFIA DE CRAIG DIMOND

Em Busca da Restauração

Angelo Scarpulla

Como resultado de uma pesquisa histórica de minha igreja, eu tinha certeza de que ocorrera uma apostasia já no fim do primeiro século depois de Cristo; mas, ponderei, Deus não deixaria sua Igreja desaparecer para sempre. Certamente, a verdadeira Igreja de Cristo deveria existir.

Sou de um lugarejo na Sicília, Itália, onde florescem limoeiros e os campos são demarcados por fileiras verdes de cactos espinhentos, carregados dos mais doces frutos. Lembro-me com prazer dos anos que lá passei, em preparação para tornar-me um padre católico. Depois de haver ingressado no seminário com dez anos, formei-me na escola secundária e continuei os estudos de teologia em várias cidades da Sicília. Eu era bom aluno e bom seminarista.

Minha história, porém, contada agora, que já sou idoso, inclui tristezas, mas também alegrias. Depois de ter passado a vida inteira numa angustiada busca, dedico este relato de minha conversão a todos os que professam a fé verdadeira, cristãos ou não, e especialmente aos que estão procurando a igreja restaurada de Cristo.

Depois de ter sido ordenado padre em 1950, minha fé na Igreja Católica começou a vacilar. A certa altura, julguei tê-la perdido totalmente. Essa foi a primeira de muitas crises de crença, mas não falei com ninguém sobre isso e não sei se meus colegas e superiores alguma vez teriam percebido minha agonia interior. Externamente, eu agia como sempre: rezava missas, orava em público e administrava o sacramento regularmente. Meus superiores conferiam-me cargos de confiança. Entre outras coisas, fui nomeado reitor do Seminário e tornei-me um pregador muito solicitado.

Eu, porém, vivia muito infeliz, porque minha antiga fé sofrera um colapso dentro de mim. Solicitei,

CHIESA DI
GESU CRISTO
DEI SANTI
DEGLI ULTIMI
GIORNI

então, a oportunidade de continuar os estudos de teologia na Universidade Pontifícia em Roma, esperando com isso dissipar as dúvidas. Meu pedido foi atendido e passei quatro anos trabalhando em meu doutorado, na Faculdade de Teologia Dogmática.

Ao invés de dissipar minhas dúvidas e fortalecer minha fé, a experiência surtiu um efeito contrário. Assim, voltei à Sicília com mais um doutorado mas com a fé literalmente em pedaços.

Não mais considerava minha situação como uma crise passageira, mas como uma realidade permanente. Profundamente infeliz, invejava os fiéis incultos que mantinham a sua fé simples. Eu não estava suportando apenas a agonia interna de dúvidas religiosas, mas também me defrontava com um dilema moral e profissional: Como poderia permanecer a serviço de uma igreja em cujos ensinamentos eu não acreditava?

Quando alguém me aconselhou a ser cauteloso e continuar fervorosamente os estudos, matriculei-me na Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade Estadual. Analisei minhas perguntas por mais quatro anos, mas minha fé apenas continuou a se deteriorar.

Não conseguia encontrar resposta para meu maior problema: Como resultado de uma pesquisa histórica sobre minha igreja, eu tinha certeza de que ocorrera uma apostasia já no fim do primeiro século depois de Cristo. Como, porém, poderia eu conciliar isso com a natureza imutável de Deus? Certamente, ponderei, Deus não teria estabelecido sua Igreja para deixá-la desaparecer para sempre, depois de apenas um século; deveria durar eternamente. Onde se encontrava a solução para a apostasia? Sem dúvida, deveria haver outra Igreja cristã que tivesse herdado a doutrina da verdadeira Igreja de Cristo.

Depois de haver obtido mais um grau nos estudos, cheguei a uma encruzilhada. Havia apenas duas possibilidades: continuar como padre de uma igreja que entrava em conflito com minha consciência, ou deixar minha igreja e profissão, a fim de permanecer fiel a minhas convicções.

Eu sabia muito bem que a primeira opção era eticamente imoral, mas certamente seria a mais cômoda; sabia também que a segunda criaria enormes dificuldades, mas, àquela altura, não hesitei. Em 25 de setembro de 1965, abandonei meu ofício e dei um adeus final à igreja e à profissão.

Como eu esperava, essa decisão criou um enorme vazio ao meu redor; até os parentes mais próximos rejeitaram-me. Sozinho e sem dinheiro, parti para o norte da Itália, onde comecei vida nova. Lá, encontrei rapidamente um emprego como professor de literatura num instituto técnico de Bolonha.

Nas horas vagas, continuei a pesquisar, primeiro embarcando num estudo do Protestantismo, que me deixou ainda mais desiludido e amargo do que antes. Nenhuma igreja parecia possuir os requisitos da verdadeira Igreja de Jesus Cristo. Se eu tivesse encontrado o Livro de Mórmon na época, ou se alguém me tivesse falado de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, talvez minha jornada tivesse terminado ali.

Infelizmente, isso não aconteceu. Ingressei num estudo de outras religiões além do cristianismo — islamismo, budismo e hinduísmo — acabando por negligenciar a busca da verdadeira Igreja de Jesus Cristo. Tornei-me perito em filosofia oriental e passei a acreditar que talvez uma religião fosse tão boa

O irmão e a irmã Scarpulla servem no Ramo de Rimini. Ele é presidente do ramo, e a irmã Scarpulla é conselheira na presidência da Sociedade de Socorro.

quanto outra. Como resultado de todos esses estudos, parecia que eu me tornara indiferente à religião.

Graças, porém, às bênçãos do Senhor, eu ainda acreditava em Deus e em sua divindade, e nunca perdi completamente a fé na divindade de Jesus Cristo. Por essa razão, continuei a buscá-lo.

Nesse meio tempo, casei-me. Minha esposa, Inês, fora criada numa família católica, mas não era um membro ativo. Resolvemos, pois, não educar nossos dois filhos em religião alguma, deixando a escolha para eles.

Com o passar dos anos, aproximei-me mais do Salvador. Comecei a orar regularmente e a ler de novo a Bíblia. Eu era um cristão sem igreja, mas ainda estava empenhado na busca da verdadeira Igreja de Jesus Cristo.

Por essa época eu já contava mais de sessenta anos. Foi quando o bom Senhor teve pena de mim, enviando-me pressentimentos, na forma de sonhos, de que minha oportunidade logo chegaria.

Numa clara manhã de setembro, eu acabara de descer do carro quando vi dois rapazes à distância. Eles me olharam como se me conhecessem e estivessem me esperando. Curiosamente, não assumi a atitude defensiva que normalmente usava a fim de esquivar-me de contatos maçantes com vendedores ou missionários. Para minha grande surpresa, senti-me atraído por eles, como se eu também esperasse encontrá-los havia muito tempo. Embora fossem estrangeiros, conversei aberta e amigavelmente com esses rapazes puros e sinceros.

Eram missionários mórmons. Quando soube disso, foi como se um raio me tivesse atingido e ouvi-os com grande alegria. Senti que Deus finalmente respondera a minhas perguntas. Recebi de boa vontade um Livro de Mórmon e, naquela mesma noite, comecei a lê-lo com grande expectativa.

Sozinho, lendo o livro em minha escrivaninha, fui dominado por alegria e ternura. Sentimentos doces que eu nunca experimentara fizeram-me sentir quase iluminado, num estado de semiconsciência que durou, talvez, uma hora.

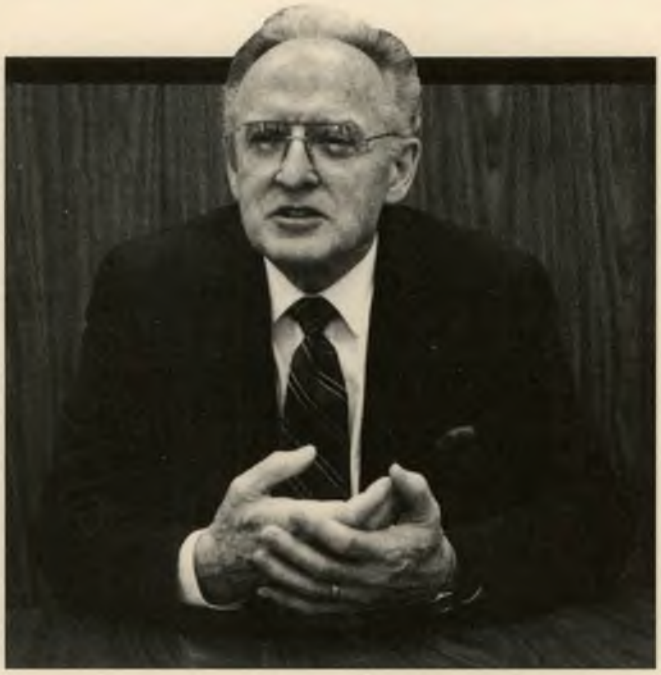
Deus deu-me a mais profunda certeza de que eu encontraria naquele livro a verdade que procurava havia anos. A leitura do Livro de Mórmon fascinou-me imediatamente e, junto com a Bíblia, levou-me a uma única e divina revelação: a igreja cristã, que caíra em apostasia, fora restaurada! Cristo, afinal, *não* abandonara sua igreja — fora o homem o autor da apostasia, e agora o Senhor tornara a trazer à terra a sua igreja! Até eu, em minha insignificância, senti que fora restaurado. Minha longa noite, que durara muitos anos, finalmente terminara!

Graças a Deus, eu estava, enfim, feliz. Meu testemunho crescia todos os dias, enquanto eu prosseguia o estudo das escrituras e discutia doutrina com os missionários e o presidente do ramo, Ezio Caramia. Poucos meses depois de ter encontrado os missionários, fui batizado e tornei-me membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Para aumentar minha felicidade, minha esposa também foi batizada meses depois.

Mais tarde recebi o Sacerdócio Aarônico e o Sacerdócio de Melquisedeque e testifico hoje, com absoluta certeza, que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é a única verdadeira Igreja de Jesus Cristo. Sou grato pelo testemunho que tenho do profeta vivo e dos Doze Apóstolos modernos.

Este é meu jubiloso testemunho, moldado com grande sofrimento, que ofereço humildemente a todos aqueles a quem possa ajudar. A Igreja é eterna, assim como todas as obras de Deus. Ela é sua obra-prima. □

CONVERSA SOBRE A IGREJA NA AMÉRICA CENTRAL



FOTOGRAFIA DE PHIL SHURTLEFF

A Igreja está tendo um crescimento constante na América Central, apesar dos efeitos, em alguns países, da intranqüilidade civil, dificuldades econômicas e catástrofes naturais. A fim de obter um relato em primeira mão desse crescimento, a equipe das revistas da Igreja conversou com Élder Ted E. Brewerton, Presidente de Área da América Central.

Pergunta: A Igreja está forte na América Central?

Resposta: Há mais de um quarto de milhão de membros distribuídos em sete países — Guatemala, Belize, Honduras, El Salvador, Nicarágua, Costa Rica e Panamá. Temos quarenta e sete estacas, dez missões e um templo. Em média, são realizados duzentos batismos por mês em cada missão.

P.: Isso cria um grande desafio para a liderança local?

R.: Sim, cria, mas eu acredito que a liderança regional das estacas e missões está em muito boas mãos. Contamos com a ajuda de dez representantes regionais nativos; sete das dez missões têm presidentes latino-americanos, e a experiência e o conhecimento de outros membros da Presidência de Área aumentam a nossa força. Meu primeiro conselheiro, Élder Carlos H. Amado, é guatemalteco e tem muita experiência em liderança; meu segundo conselheiro, Élder Jay E. Jensen, já passou muito tempo na América Latina. Assim, temos mais treinamento de liderança eclesiástica hoje do que em qualquer outra época.

P.: Parece que as pessoas da América Central são receptivas ao evangelho.

R.: Em muitas áreas, sim. E, obviamente, a mão do Senhor está no trabalho.

Por volta de março de 1991, em La Ceiba, na parte central da costa norte de Honduras, os missionários estavam ensinando uma família, que perdeu o interesse depois de duas palestras. Mais tarde, em julho, duas missionárias encontraram o registro da família e foram visitá-la. Quando chegaram, a mãe estava chorando, e elas perguntaram-lhe o que acontecera. A mulher contou-lhes um sonho no qual vira o filho de vinte anos, que assistira às duas primeiras palestras com a família e morrera um mês antes da visita das missionárias. No sonho, o filho lhe disse: "Você e meu pai devem ser batizados, para que eu possa ser batizado". E ela perguntou às missionárias: "Como uma pessoa morta pode ser batizada?". Aquela casa encheu-se de alegria quando a família ouviu o restante das palestras. Quatro deles foram batizados em agosto de 1991.

P.: Então, a força espiritual da Igreja está crescendo tanto quanto o número de membros?

R.: Sem dúvida. O conhecimento dos princípios do evangelho e da doutrina é grande mesmo entre os

membros novos. Isso se deve parcialmente aos missionários e aos líderes locais. Temos sentido um nítido aumento de espiritualidade. A força espiritual também tem crescido, devido à maneira pela qual os membros têm encarado as dificuldades e distúrbios que os cercam.

P.: As agitações populares e as catástrofes naturais em algumas localidades da América Central frustraram o progresso da Igreja?

R.: A luta em alguns países trouxe dificuldades para a Igreja. Algumas casas de membros foram danificadas ou destruídas por terremotos ou agitações populares. Quando, porém, a erupção de um vulcão derramou cinzas sobre o sul da Guatemala no ano passado, o vento soprou-as para longe das seis unidades da Igreja; e no terremoto mais recente, nenhuma casa dos santos dos últimos dias foi destruída.

Pode parecer paradoxal, mas a instabilidade de alguns países fortaleceu a auto-suficiência dos santos dos últimos dias. Eles tiveram que chamar mais missionários de seus próprios países e carregar o pesado fardo da liderança. Duas das dez missões da América Central, por exemplo, não têm missionários anglo-americanos, isto é, americanos ou canadenses; todos os missionários dessas missões são latino-americanos. Esta necessidade de uma auto-suficiência maior tem sido uma bênção para os membros. Além disso, depois de voltar para casa, esses missionários casam-se no templo e são líderes e membros mais fortes.

P.: Recentemente, os missionários anglo-americanos foram retirados de Honduras. Como está a obra missionária sem eles?

R.: As duas missões de Honduras continuam funcionando apenas com missionários latino-americanos. Além disso, as alas e estacas percebem a crescente necessidade de preparar e chamar mais missionários locais, tornando-se cada vez mais auto-suficientes.

P.: Há membros que foram atingidos pelos efeitos dos conflitos em seus países?

R.: Sim, alguns. Temos missionários que carregam consigo um doloroso passado relacionado a atividades de guerra. A maioria deles são conversos, e alguns participaram de combates. Quando, porém, eles mudam de vida, tornam-se grandes líderes! Acho que, de certo modo, são mais felizes do que as pessoas poderiam imaginar, porque percebem que o arrependimento é real e que a expiação também é para eles. Reconhecem que podem ser realmente perdoados de coisas que não queriam fazer, ou que tiveram de fazer no passado.

P.: O crescimento da Igreja está atingindo todos os níveis sociais?

R.: Sim, mas eu diria que o crescimento é maior entre a classe média e classe média-baixa. Estamos, entretanto, batizando profissionais liberais.

A auto-suficiência de que falei antes criou um notável grupo de líderes. É impressionante ver dezenas de homens e mulheres fortes e devotados, que podem fazer qualquer coisa na Igreja. Temos muitas mulheres de destaque entre nós. Em Manágua, na Nicarágua, por exemplo, minha esposa e a esposa do presidente da missão reuniram-se recentemente com quinhentas irmãs. Por causa da pobreza e das condições daquele país, essas mulheres havia anos não se reuniam num grupo como esse. Elas se alegraram imensamente por causa do espírito que sentiram juntas.

P.: Os membros estão entusiasmados com seus esforços para fortalecer a Igreja?

R.: Eles não acham que têm tido sucesso. São humildes. Suas vidas parecem centralizadas na Igreja. Não querem deixar a capela aos domingos; querem

O templo da Cidade da Guatemala tornou-se um centro espiritual para os santos guatemaltecos, que "possuem uma notável afinidade com o Espírito e uma grande sensibilidade a ele", diz o Élder Ted E. Brewerton, presidente de área da América Central.

apenas ficar lá com os amigos.

Eles possuem uma notável afinidade com o Espírito e uma grande sensibilidade a ele. Não sentem a mínima hesitação quanto a falar com os amigos a respeito de religião. Conversam abertamente sobre a oração e o efeito que ela causa em suas vidas.

P.: A Igreja, de maneira geral, é bem aceita na América Central?

R.: Sim. Muitos preconceitos sobre religião que havia antigamente não existem mais. Fizemos algumas coisas para ajudar a Igreja a ser bem aceita. Por exemplo, colocamos mastros nas capelas da Guatemala e, em 1991, no dia 15 de setembro, que é o Dia da Independência em todos os países da América Central, realizamos cerimônias de hasteamento da bandeira em 154 dos nossos edifícios. Durante os programas, oramos pela paz e pela chuva nesses países. Muitos líderes civis e militares compareceram aos programas, que foram bem recebidos pelas pessoas em geral. Essas atividades ajudaram líderes do governo e outros a entenderem o compromisso que a Igreja assume de melhorar as áreas onde vivem os membros.

Os próprios membros, contudo, provavelmente contribuíram mais para a aceitação da Igreja do que qualquer coisa que pudéssemos ter planejado. Alguns membros fazem parte dos altos círculos políticos. Outros têm cargos elevados no exército — Coronel Augusto Conde, por exemplo. Devido a sua integridade, ele se aposentou do serviço militar na Guatemala com uma excelente reputação; depois serviu na presidência do templo da Guatemala. A secretária do vice-presidente de El Salvador é esposa do segundo conselheiro de uma presidência de estaca. Ela é ótima.

Membros como esses falam abertamente de sua religião e o que ela representa e as pessoas em seus países estão percebendo isso. Um dos ministros do mais alto escalão do governo de El Salvador convidou Israel Pérez, presidente da Missão El Salvador San Salvador Oeste, ao seu escritório e pessoalmente resolveu alguns problemas de vistos para missionários. Depois, disse ao presidente Pérez: "Quero que saiba que, por causa do que estão fazendo, nosso país está melhor. Preocupam-se com a família e tentam melhorar as pessoas moralmente. Eu lhes dou as boas-vindas".

P.: O que mais contribuiu para o sucesso da Igreja na América Central?

R.: Vêm-me à mente duas escrituras: A primeira está em Helamã: "E assim vemos que o Senhor começou a derramar seu Espírito sobre os lamanitas, em virtude da facilidade e empenho que mostravam em crer em suas palavras" (Helamã 6:36).

Antes de citar a segunda escritura, desejo descrever uma cena. Quando vou ao púlpito para falar, vejo belos rostos de santos fiéis. Quando vou ao templo e nos vestimos de branco, vejo um belo povo com a pele um pouco mais escura que a minha — e as palavras do Salvador aos sobreviventes das destruições em 3 Néfi me vêm à mente: "E eis que vós sois os filhos dos profetas, e sois da casa de Israel; sois do convênio" (3 Néfi 20:25). O Pastor de Israel não esqueceu suas ovelhas. □

Orando como Enos

O Senhor dispôs-se a abençoar-me no momento em que verdadeiramente conversei com ele.

Christie Ann Giles

FOTOGRAFIA DE CRAIG DIMOND

Ajoelhei-me ao lado da cama para orar antes de dormir, sentindo o coração prestes a explodir — não de alegria, mas de solidão e ressentimento. Não era isso o que eu esperava, de maneira alguma!

Era minha segunda noite no Centro de Treinamento Missionário em Provo, Utah, e eu sentia-me muito infeliz. Não gostava de minha companheira, não gostava de ter de aprender uma nova língua e não gostava de mim mesma por ser tão imatura.

Iniciei a oração e logo percebi que nada tinha para dizer. Embora necessitasse desesperadamente de alguém para conversar, não me parecia justo expressar sentimentos de vazio, solidão e amargura ao Pai Celestial. Finalmente, proferi um tipo de oração padronizada: "Obrigada por minha saúde e pela oportunidade de estar aqui", e arrastei-me para a cama.

Por que o Pai Celestial não me ajuda? pensei ressentida. Se ele realmente sabe o que desejo antes que lhe peça, o que está esperando?

Lembrei-me então do livro de Enos, que lera naquela tarde. Imaginei Enos ajoelhando-se na floresta, implorando perdão e ajuda ao Senhor. Suas palavras me ecoavam na mente: "Implorei a Deus com toda a minha alma" (Enos 1:9).

Fizera eu o mesmo? Pedira realmente, com humildade, ajuda ao Pai Celestial? Eu sabia que não.

Tornei a ajoelhar-me. Dessa vez, tinha muito a dizer. Contei ao Pai o quanto estava frustrada, como não conseguia aprender a língua, como precisava amar minha companheira e como queria realizar um bom trabalho missionário. Chorei ao explicar que me considerava abandonada e que precisava de ajuda.

"E buscar-me-eis, e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração." (Jeremias 29:13.)

Dessa vez eu não só proferi uma oração, mas *orei* de verdade. Outra vez, senti o coração prestes a explodir, mas de esperança, paz e amor. Ao deitar-me, eu ainda não sabia como as coisas iriam-se resolver, mas sabia que daria certo. □

COMO LIDAR COM DEFICIÊNCIAS

Como discípulas de Cristo, somos ensinadas a amar e aceitar todos os filhos de nosso Pai. Isso inclui aqueles que têm deficiências físicas, emocionais ou mentais. Nossa meta é levar as bênçãos do evangelho a todas as pessoas. "Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros" (João 13:35).

Muitas têm deficiências, ou sabem de familiares ou amigos que as têm.

Alguns têm problemas de visão ou audição; outros, doenças mentais ou distúrbios intelectuais; outros ainda, dificuldades de aprendizado ou sérios problemas de comportamento. Algumas dessas deficiências, por requererem o uso de equipamentos, como cadeira de rodas ou aparelhos de surdez são visíveis; muitas, porém, não são facilmente percebidas.

COMPREENDER E ACEITAR

O amor e a compreensão do Salvador abrangiam todas as pessoas, de todas as condições. Podemos seguir-lhe o exemplo perfeito, aumentando nossa compreensão para com aqueles cujos desafios parecem grandes, tornando-se mais fácil aceitá-los.

Quando não possuímos esse entendimento, a depressão de uma pessoa poderá parecer-nos falta de fé. Quem ouve mal pode dar a impressão de ser insensível. Uma criança com problemas de comportamento poderá parecer indisciplinada.

A mãe de uma criança deficiente diz que espera que os outros compreendam que a filha tem aptidões e não somente deficiências.

ILUSTRADO POR LORI ANDERSON WING

"Minha filha é noventa por cento normal e apenas dez por cento deficiente", diz ela, "mas a maioria das pessoas só nota suas deficiências".

Seguindo o exemplo de amor e compaixão que o Salvador deu a todas as pessoas, faremos com que os deficientes sintam-se aceitos. Um adolescente cego e surdo sente-se amado quando os membros da ala o cumprimentam com um aperto de mão e um abraço. Uma criança surda adora ver o bispo, que aprendeu a cumprimentá-la pelo nome e dizer "eu te amo" em linguagem de sinais. Outra mãe sente tristeza porque os amigos raramente se lembram de seu filho autista que não pode ir à igreja. "A maioria das pessoas nunca se refere a Brandon por temerem que eu me ofenda se disserem algo errado. Na verdade, porém, sinto-me mais forte quando alguém me pergunta como ele está".

• *Como podemos mostrar interesse e amor por alguém que conhecemos, portador de uma deficiência?*

PODEMOS OFERECER AJUDA

Se formos receptivos ao Espírito, preocupando-nos uns com os outros, descobriremos muitas maneiras de ajudar os deficientes. Uma jovem com um sério distúrbio de comportamento adorava que os componentes de sua classe das Moças lhe mandassem bilhetes carinhosos e pequenos presentes. Uma irmã cega aprecia que os membros lhe ofereçam condução para ir às atividades da Igreja. Uma mulher que se recuperava de uma doença mental considerou-se satisfeita quando foi indicada por um amigo para um emprego de meio período.

Aqueles que cuidam de pessoas com sérias deficiências geralmente também têm grandes necessidades. Podem precisar de apoio físico, social e emocional. Podemos oferecer-nos para cuidar de uma criança deficiente por algumas horas, ficar com as crianças de uma família enquanto os pais visitam uma pessoa no hospital; ou oferecer condução para uma consulta médica. Incluir as pessoas que cuidam de deficientes nas atividades da ala e oferecer-lhes ajuda pode aliviar um pouco da pressão que sentem.

Uma mulher cujo filho é deficiente diz: "Tenho uma natureza otimista e ajo como se tivesse controle de minhas emoções, mas tenho uma amiga com quem posso desabafar e chorar de vez em quando e dizer o que realmente sinto. Isso tem tido um efeito terapêutico sobre mim".

• *Como podemos ajudar um deficiente ou sua família?* □

JOSEPH F. SMITH

AS BÊNÇÃOS DO RELACIONAMENTO FAMILIAR

Arthur R. Bassett

Numa época em que os valores da família sofrem constantes ataques e brigas entre pais e filhos são algo comum, é encorajador conhecer famílias cujos membros são unidos por fortes laços de amor.

Eram esses os sentimentos que Joseph F. Smith, o sexto Presidente da Igreja, nutria pela família. É significativo que, durante sua administração, o Presidente Smith tenha dado especial ênfase ao lar, às reuniões familiares e à valorização da vida familiar como um todo — uma ênfase que emerge novamente com grande força em nossos dias.

No início da adolescência, o jovem Joseph já havia perdido os pais. Talvez fosse em virtude dessa perda que tanto valorizasse a segurança e o amor de uma família.

O pai de Joseph, Hyrum Smith, era o irmão mais velho do Profeta Joseph Smith. Tanto o Profeta quanto Hyrum foram mortos a tiros por uma turba, quando Joseph tinha apenas cinco anos de idade. É de conhecimento geral que Hyrum havia sido o grande amigo e apoio do Profeta Joseph durante a maior parte de suas vidas; e que Joseph amava o irmão mais velho como a própria vida. O Senhor também havia expressado seu amor por Hyrum, "pela integridade do seu coração, e porque ele ama o que é reto diante de mim" (D&C 124:15).

"ELE DEU-ME UM BEIJO DE DESPEDIDA"

Joseph F. Smith sempre amou o pai com especial devoção. Sua última recordação dele — Hyrum partindo a cavalo rumo a Carthage — era vívida: "Sem descer do cavalo", relembra o Presidente Smith mais tarde, "meu pai inclinou-se na sela e ergueu-me do chão. Deu-me um beijo de despedida, pôs-me no chão novamente e eu fiquei olhando-o cavalgar para longe". Essa experiência foi seguida por dias de incerteza e, no final, por uma noite de terror. "Lembro-me da noite do assassinato . . . quando um dos irmãos veio de Carthage e bateu à nossa janela, depois de ter anoitecido, e chamou minha mãe: 'Irmã Smith, seu marido foi morto'". Apesar de esse evento ter-se passado quando o menino tinha apenas cinco anos de idade, muitos anos depois ele ainda se lembrava do terror daquela noite.

A ORAÇÃO DE UMA MÃE

Dois anos após a morte de Hyrum, Joseph F. Smith e a mãe viúva, Mary Fielding Smith, partiram pelas planícies da América do Norte, em companhia de muitos outros pioneiros mórmons. A irmã Smith tinha não apenas seus dois filhos pequenos, mas também cuidava dos cinco filhos que seu falecido marido tivera com a primeira esposa. Com

sete anos de idade, Joseph guiou a junta de bois da família até Winter Quarters, Nebraska. Aos nove anos, conduziu o carroção até o Vale do Lago Salgado.

Durante o tempo que passaram nas planícies, o jovem Joseph aprendeu muitas lições de fé com sua mãe. Ao acordarem certa manhã, descobriram que sua melhor junta de bois havia desaparecido. O menino e seu tio, Joseph Fielding, procuraram inutilmente durante toda a manhã. Cansados e desanimados, retornaram ao acampamento. Ali encontraram Mary Fielding Smith de joelhos, implorando a Deus que os ajudasse na busca, uma vez que a perda dos bois atrasaria ainda mais a chegada a seu destino.

Erguendo-se de sua oração, aquela vigorosa mãe pioneira disse ao irmão e ao filho que tomassem o desjejum, pois ela traria os bois de volta. Ela partiu rumo ao rio, apesar dos protestos do irmão, que dizia ser inútil continuar a procura. Sem dar ouvidos ao irmão, e depois a um vaqueiro de uma caravana de Missouri que tentou dizer-lhe ter visto os bois naquela manhã, dirigindo-se para a direção oposta, Mary Fielding Smith caminhou até o rio. Chegando à margem, fez sinal para que o irmão e o filho a seguissem. Encontraram então os bois amarrados a uma moita de salgueiros, fora do alcance da vista. Alguém, aparentemente, colocara os bois ali, planejando voltar para apanhá-los depois que o grupo de pioneiros tivesse seguido viagem.

O Presidente Smith disse, mais tarde, que essa experiência fora "uma das primeiras demonstrações práticas e positivas da eficácia da oração que eu havia testemunhado". A impressão causada serviu-lhe de ajuda por toda a vida.

Quatro anos após terem chegado ao vale do Lago Salgado — quando Joseph F. Smith tinha treze anos de idade — sua mãe faleceu, deixando-o órfão de pai e mãe.

O SONHO DE UM MISSIONÁRIO SOLITÁRIO

Durante seu décimo quinto ano de vida, Joseph F. Smith foi ordenado élder, recebeu as investiduras e foi enviado como missionário nas ilhas havaianas. Ali enfrentou doenças e desânimo, muito além do que um jovem de sua idade costuma experimentar. Essas experiências, porém, fortaleceram-lhe a alma e ampliaram-lhe a capacidade, enriquecendo sua compreensão espiritual.

Uma dessas experiências consistiu de um sonho, significativamente centralizado em uma experiência familiar. Esse sonho ocorreu durante uma época de sua missão em que ele estava profundamente deprimido. "Encontrava-me . . . totalmente sem amigos . . . Sentia-me tão insignificante em minha condição de pobreza, falta de inteligência e conhecimento, apenas um menino, que dificilmente ousava olhar para um homem face a face".

No sonho, Joseph viu o tio, o Profeta Joseph Smith, o pai, Hyrum Smith e a mãe, Mary Fielding Smith. Ele foi consolado e seu testemunho do Profeta e do plano de salvação fortaleceu-se. "Quando despertei naquela manhã, era um homem, apesar de apenas um menino. Nada havia no mundo que eu temesse . . . A visão, a manifestação e o testemunho que recebi naquela noite fizeram de mim o que sou hoje, se é que existe em mim algo de bom, puro ou justo perante o Senhor. Essa visão ajudou-me a vencer todas as provações e a atravessar todas as dificuldades".

ABENÇOADO COM AMOR

Joseph F. Smith não passaria a vida inteira sozinho e sem família. Aos vinte anos de idade, casou-se com Levira Smith, pouco antes de partir para sua segunda missão, desta vez na Inglaterra. Durante a missão, teve o consolo de saber que alguém aguardava seu retorno. Mais tarde, casou-se com cinco outras esposas (sendo aquela a época da prática do casamento plural na Igreja): Julia Lambson, Sarah Ellen Richards, Edna Lambson, Alice Ann Kimball e Mary Taylor Schwartz. Ele se tornou pai de quarenta e oito filhos. Um deles, Joseph Fielding Smith, tornou-se mais tarde o décimo Presidente da Igreja.

O amor de Élder Smith por sua família foi demonstrado quando, noite após noite, segurava a filha, Mercy Josephine, nos braços, cuidando dela durante a doença que a levou à morte.

Um belo exemplo do amor que Joseph F. Smith tinha pela família vem dos primeiros anos após ter-se tornado pai, quando recebia um salário muito baixo e era pago apenas em espécie. Nessa condição de pobreza, viajou certa vez até a cidade, na véspera do Natal, para comprar "algo para meus filhos".

"Eu queria algo para contentá-los, para fazer com que o Natal fosse um dia diferente de todos os outros, mas não tinha um centavo no bolso! Andei de um lado para outro da Rua Principal, olhando as vitrines das lojas . . . em todos os lugares. Então, escondi-me da vista de toda a humanidade, sentei-me e chorei como uma criança até aliviar meu pesado coração. Depois de algum tempo, voltei para casa, de mãos vazias como a havia deixado e brinquei com meus filhos, cheio de gratidão e alegria . . . por tê-los em minha vida."

Outra experiência que ilustra seu amor pela família ocorreu quando faleceu sua primeira filhinha, Mercy Josephine, a quem ele carinhosamente chamava de "Dodo". A pequena Dodo faleceu aos três anos de idade. Depois de ter velado a filhinha noite após noite, segurando-a, encorajando-a, Élder Smith afligiu-se ao vê-la passar uma noite inteira sem dormir. Na manhã seguinte, ela disse: "Eu vou dormir esta noite, papa". Suas palavras "atravessaram-me o coração". Pouco depois, ela faleceu.

Ele expressou seu sofrimento em uma carta: "Quase não ouso confiar em mim mesmo para escrever, pois ainda agora meu coração sofre e minha mente está um caos. Se eu vier a murmurar, que o Senhor me perdoe, minha alma foi e está sendo provada

por enorme aflição, meu coração está ferido e quase partido em pedaços. Estou desconsolado, meu lar parece desolado e quase sombrio . . . minha doce Dodo foi-se! Quase não posso acreditar e meu coração pergunta: *Será verdade?* Procuro em vão, escuto, nenhum som. Vagueio pelos quartos, todos estão vazios, solitários, desolados, desertos. Corro os olhos pela calçada do jardim, procuro em volta da casa, olho aqui e ali tentando achar um vestígio daquela cabecinha loira como o sol, daquela face rosada, mas não, ai de mim, não existe mais o som suave de seus passinhos. Não existem mais aqueles sorridentes olhos negros brilhando de amor pelo pai; não há mais aquela doce vozinha a perguntar-me tudo . . . não existem mais as mãos suaves envolvendo-me o pescoço nem os doces lábios rosados devolvendo com inocência de criança os meus abraços e beijos amorosos, mas tão-somente uma cadeira vazia. Seus pequenos brinquedos estão escondidos, suas roupas guardadas e apenas um pensamento desolador esmaga com peso de chumbo meu coração: *ela não está aqui, ela foi-se!* . . . Estou à beira do desvario por causa de minha dor e só Deus sabe o quanto eu amava minha filha: ela era a luz e a alegria do meu coração".

Quarenta e seis anos depois, apenas dois anos antes de sua morte, o Presidente Smith escreveu em seu diário: "Hoje é o quadragésimo nono aniversário do nascimento de minha primeira filha, Mercy Josephine. Uma menina extremamente bela e inteligente. Ela morreu no dia 6 de junho de 1870, com quase três anos de idade, deixando apenas a lembrança dos três anos mais doces, felizes e adoráveis de toda a minha vida até então. Ó, como eu amava aquele pequeno anjo de amor e luz".

Para Joseph F. Smith, o amor da família era a maior de todas as alegrias. Pouco depois de haver-se tornado o profeta do Senhor, ele disse:

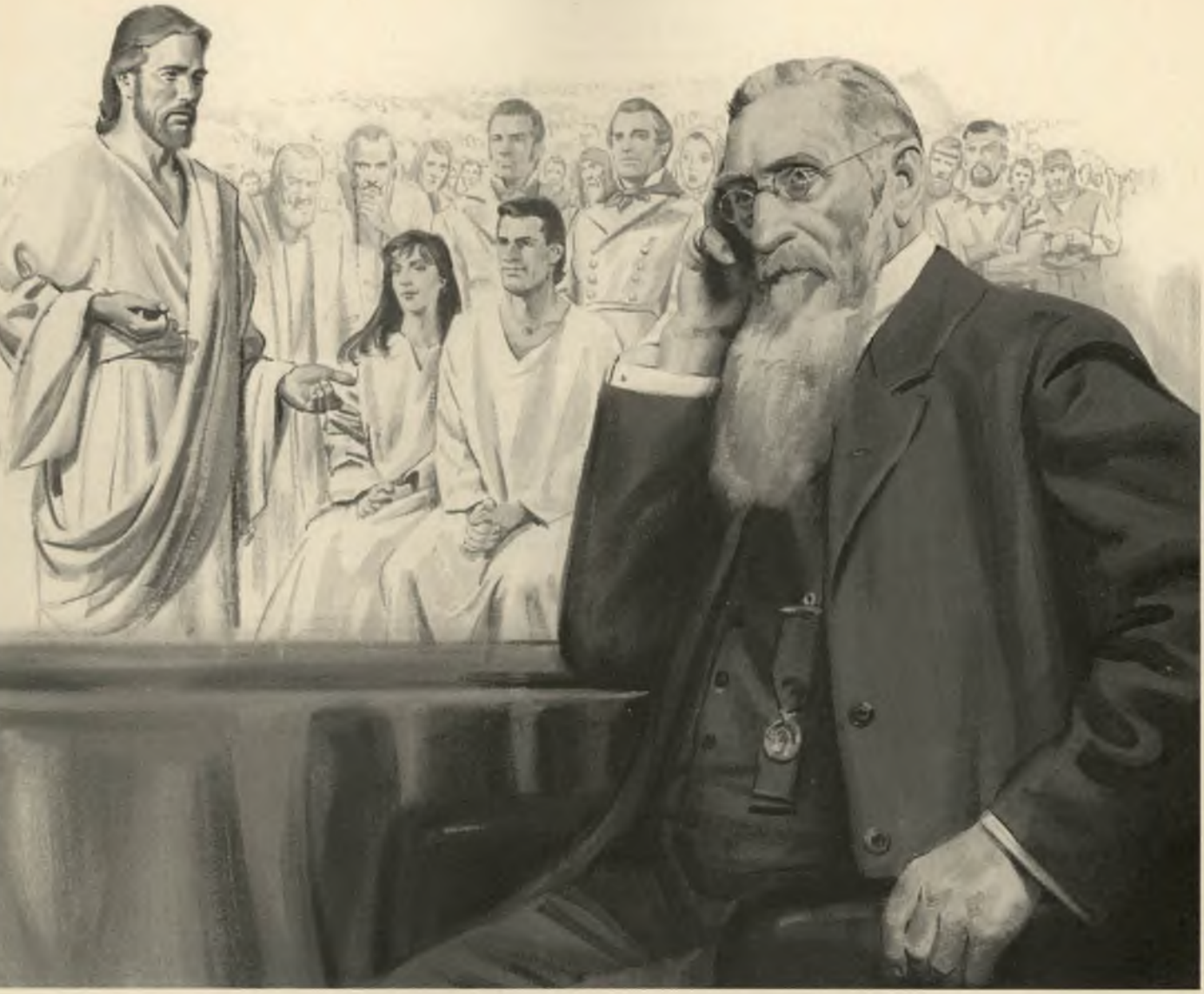
"Não pode haver felicidade genuína longe e fora do lar e todo esforço feito para santificar e preservar a influência do lar enaltece aqueles que trabalham e se sacrificam pelo seu estabelecimento. Homens e mulheres freqüentemente procuram substituir a vida no lar por outra qualquer; forçando-se a acreditar que o lar significa restrições; que a maior das liberdades é a plena oportunidade de andar de um lugar para outro, segundo os próprios desejos. Não existe felicidade sem serviço e não existe serviço maior do que o de converter o lar em uma instituição divina e promover e preservar a vida familiar.

Aqueles que fogem das responsabilidades do lar privam-se de um importante elemento do bem-estar social. Eles podem entregar-se a prazeres sociais, mas estes serão superficiais e resultarão em desapontamento mais tarde na vida."

UM MISSIONÁRIO POR TODA A VIDA

Além das grandes contribuições no lar, em favor da própria família, Joseph F. Smith passou a maior parte da vida como missionário ou como líder da Igreja. Depois da missão nas ilhas havaianas, aos quinze anos de idade, cumpriu missão de três anos na Inglaterra, tendo sido depois ordenado apóstolo e conselheiro na Primeira Presidência, com vinte e sete anos de idade. Como apóstolo, presidiu as missões da Europa e da Inglaterra. Aos quarenta e um anos, novamente se tornou membro da Primeira Presidência da Igreja e serviu na Primeira Presidência por quase quarenta anos — metade de sua vida — tendo falecido aos oitenta anos de idade. Tendo servido como conselheiro na Primeira Presidência durante a administração de Brigham Young, ele também serviu como conselheiro na Primeira Presidência durante a administração de John Taylor, Wilford Woodruff e Lorenzo Snow. Por fim, em 1901, aos sessenta e dois anos de idade, tornou-se Presidente da Igreja.

Durante a maior parte da vida do Presidente Smith, a Igreja sofreu grandes ataques do governo dos Estados Unidos, devido à prática do casamento plural. O Presidente Smith tornou-se um dos mais hábeis defensores dessa prática da Igreja. Por algum tempo, ele e outros líderes exilaram-se voluntariamente — afligia-se grandemente por não poder



Ao meditar nas escrituras, o Presidente Smith teve uma visão do Salvador no mundo espiritual, organizando os santos e profetas justos como missionários dos espíritos em prisão.

estar com sua grande família e cuidar dela. Então, em 1888 e 1889, viajou para Washington, D.C., para tentar negociar com o governo dos Estados Unidos um abrandamento das leis repressivas contra os santos dos últimos dias.

Depois de o Presidente Wilford Woodruff ter recebido a revelação conhecida como Manifesto, pondo fim à prática do casamento plural, em 1890 (veja D&C Declaração Oficial — 1), o Presidente Smith continuou a trabalhar incansavelmente para aliviar as tensões existentes entre a Igreja e o governo e para aumentar o respeito público pela Igreja. O Presidente Smith presidiu a Igreja numa época de grande prosperidade e crescimento. Como profeta, fortaleceu o papel dos quoruns do sacerdócio e deu ênfase à importância do lar.

PROFESSOR DA VERDADE

Uma das maiores contribuições do Presidente Joseph F. Smith à Igreja foi a maneira franca como ensinava o evangelho. Ao servir como profeta, ele e seus conselheiros na Primeira Presidência publicaram declarações esclarecendo a doutrina da Igreja em assuntos tais como a origem do homem e a natureza de Deus, o Pai, e Jesus Cristo. Eles também alertaram contra os falsos ensinamentos. Após sua morte, algumas de suas mensagens mais importantes foram publicadas em um livro intitulado *Doutrina do Evangelho*.

Sua "Visão da Redenção dos Mortos" foi aceita como escritura e agora encontra-se na seção 138 de Doutrina e Convênios. No dia 3 de

outubro de 1918, apenas seis semanas antes de sua morte, o Presidente Smith teve uma visão do ministério do Salvador no mundo espiritual durante o curto período de tempo entre a Crucificação e a Ressurreição. (Vide I Pedro 3:18–20; 4:6.) O Presidente Smith testemunhou o Salvador ministrar aos santos e profetas justos que haviam morrido; viu também o Salvador organizar a obra missionária para os espíritos dos iníquos e dos que não se haviam arrependido.

O idoso profeta recebeu essa maravilhosa revelação quando estava sentado em sua sala, "ponderando as escrituras;

E meditando no grande sacrifício expiatório do Filho de Deus, pela redenção da humanidade.

E o grande e maravilhoso amor, que foi manifestado pelo Pai e o Filho, na vinda do Redentor ao mundo" (D&C 138:1–3).

Na visão, o Presidente Smith viu que "os santos regozijaram-se na sua redenção e dobraram os joelhos e reconheceram o filho de Deus como seu Redentor e Libertador da morte e das cadeias do inferno" (versículo 23).

Desse modo, ele tinha esperança na salvação de todos os que amavam o Senhor — desde sua própria e querida filha "Dodo" a todos os filhos de nosso Pai.

E, pelo testemunho do Presidente Smith, todos nós podemos ter a mesma esperança na natureza eterna de Deus, em seu plano para nossa felicidade e em sua promessa aos fiéis das bênçãos de uma família eterna. □

Destaques da vida de Joseph F. Smith (1838–1918)

Data	Idade	Evento
1838	–	13 de novembro: Nasce em Far West, Missouri.
1844	5	Hyrum Smith, seu pai, é morto.
1846–48	7–9	Conduz uma junta de bois através das planícies, até o Vale do Lago Salgado.
1852	13	Morre sua mãe; ele fica órfão.
1854–57	15–18	Cumpre missão no Havaí.
1859	20	Casa-se com Levira A. Smith; chamado como sumo conselheiro.
1860–63	22–25	Cumpre missão na Inglaterra.
1865–74	27–36	Serve na Câmara Legislativa Territorial.
1866	27	1º de julho: é ordenado apóstolo e conselheiro na Primeira Presidência, pelo Presidente Brigham Young.
1874–75	35–37	Preside as missões da Europa e da Inglaterra.
1880	41	10 de outubro: Torna-se segundo conselheiro do Presidente John Taylor na Primeira Presidência.
1884–88	45–49	Parte para exílio voluntário devido à perseguição por causa do casamento plural. Trabalha nos Estados Unidos, México, Havaí e Canadá.
1888–89	49–50	Atua como lobista para a Igreja no Congresso, em Washington, D.C.
1889	50	7 de abril: Torna-se segundo conselheiro do Presidente Wilford Woodruff na Primeira Presidência.
1898	59	13 de setembro: Torna-se segundo conselheiro do Presidente Lorenzo Snow na Primeira Presidência. Mais tarde é apoiado como primeiro conselheiro.
1901	62	17 de outubro: Apoiado como Presidente da Igreja.
1906	67	Viaja pela Europa. É o primeiro Presidente da Igreja a fazê-lo.
1918	79	3 de outubro: Recebe a Visão da Redenção dos Mortos.
	80	19 de novembro: Falece na Cidade do Lago Salgado.

FONTES

1. Joseph Fielding Smith, *Life of Joseph F. Smith*, Salt Lake City: Deseret Book Company, 1969.
2. Francis M. Gibbons, Joseph Smith: *Patriarch and Preacher, Prophet of God*, Salt Lake City: Deseret Book Company, 1984.
3. Joseph F. Smith, *Doutrina do Evangelho*, Salt Lake City: Deseret Book Company, 1986.

PARA SUA INFORMAÇÃO

Geri Christensen
FOTOGRAFIA DE JOHN LUKE

Recorte cada uma das metas nas páginas 33 e 35 e coloque-as dentro de um recipiente. Então, retire uma a cada dia do mês e tente cumpri-la.

UM MÊS DE METAS

HOJE ignorarei o que *eu* quero e pensarei no que posso fazer para ajudar *outros* a serem mais felizes.

HOJE vou-me concentrar nas coisas de que mais gosto em mim mesmo e esquecer das que não gosto.

HOJE trabalharei continuamente no que quer que esteja fazendo e não desistirei até que tenha terminado.

HOJE oferecerei incentivo ou compreensão a alguém que esteja precisando.

HOJE manterei uma sincera prece no coração durante todo o dia.

HOJE farei algo que me é difícil, algo que tenho estado evitando por muito tempo.

HOJE tentarei ver a mim e a todos conforme o próprio Senhor nos vê, ou seja, como pessoas de grande valor.

HOJE tentarei fazer minha família ficar feliz por eu fazer parte dela, sendo agradável a eles todos.

JOVENS DE TENERIFE

Bem perto da costa norte da África, há uma ilha chamada Tenerife, onde os jovens SUD são fortes e unidos e a obra missionária vai indo muito bem.

Tenerife é uma das ilhas Canárias, que pertencem à Espanha. Os habitantes têm aparência de espanhóis e falam espanhol. Lá, a Igreja tem somente doze anos, mas existem muitas famílias completas nas alas e ramos. Entretanto, os jovens é que constituem a principal fonte de força. Eles trabalham com os missionários e trazem vários novos amigos à Igreja.

"Nós temos algo de grandioso que os outros não têm, e sentimos que é importante compartilhá-lo", diz Oscar Herrera Rivero, 17.

Eles também ajudam os outros membros em suas atividades. Recentemente, passaram o dia ajudando a levar as crianças da Primária ao parque. À noite, realizaram um show de talentos para toda a estaca. Isso não só ajudou os membros a se sentirem próximos, mas também muitos pesquisadores e membros menos ativos foram capazes de ver o quanto podem-se divertir na Igreja dos santos dos últimos dias.

MARATONA MÓRMON

Podem imaginar uma reunião de 25 horas de duração que tenha sido realmente uma boa experiência? Os rapazes e as moças da Ala 3 de Madison, Estaca Wisconsin Madison, podem. Eles reuniram-se num feriado prolongado — sexta e sábado inteiros — para ler o Livro de Mórmon capa a capa.

Os jovens se encontraram na casa de um líder e leram das 9 da manhã às nove da noite, parando só o tempo suficiente para proferir a bênção do alimento. Depois, os rapazes acamparam do lado de fora e as moças passaram a noite na casa

HOJE realmente prestarei atenção àquela voz mansa e delicada e obedecerei às sugestões espirituais que receber.

HOJE escreverei uma carta a meus pais e dir-lhes-ei o quanto os aprecio.

HOJE não criticarei quem é diferente de mim. Ao invés disso, tentarei apreciá-lo(a).

HOJE aprenderei algo mais sobre meus antepassados.

HOJE tentarei agir como se o Salvador estivesse o tempo todo ao meu lado.

HOJE vou decorar uma escritura e aplicá-la em minha vida.

HOJE não farei aquilo que sei que não deveria.

HOJE participarei de alguma atividade de valor, que beneficie outros.

HOJE farei um professor saber o quanto me tem ajudado.

HOJE não terei inveja do que os outros possuem nem do que conseguem fazer.

HOJE serei absolutamente honesto em tudo o que disser e fizer.

HOJE contarei minhas bênçãos e farei uma lista delas.

HOJE manterei meus pensamentos puros e positivos o dia todo.

HOJE vou parar de tentar ser quem não sou e vou gostar de quem sou.

HOJE expressarei amor e gratidão a alguém.

de um vizinho. Na manhã seguinte, novamente se reuniram para uma jornada semelhante.

Não houve "vivas" quando o último verso foi lido: "E agora, despeço-me de todos. Cedo descansarei no paraíso de Deus, até que meu espírito e corpo se reúnam de novo e eu seja carregado triunfante pelo ar, para encontrar-me convosco no agradável tribunal do grande Jeová, o Juiz Eterno, tanto de vivos como de mortos. Amém".

AMIGOS EM NOTÍCIA

Em "Para Sua Informação", publicaremos curtos artigos sobre seu grande projeto de serviço, conferências de jovens e atividades.

Também imprimiremos citações, idéias e testemunhos curtos sobre assuntos específicos.

Gostaríamos da sua colaboração. Mande-nos qualquer coisa que ache que ajudaria, inspiraria ou divertiria os jovens santos dos últimos dias do mundo. Se possível, por favor, mande fotos. Anote nome, idade, cidade, país, ala ou ramo e estaca ou distrito. Mande colaborações para: "For Your Information", International Magazines, 25th floor, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Obrigado! □

MAR, TERRA E ALMAS NA DINAMARCA

Os membros da Igreja na Dinamarca são mais fortes devido às escolhas que precisam fazer em uma terra de prosperidade e permissividade.

Giles H. Florence, Jr.

Para entrar na centenária casa de fazenda onde Palle e Esther Blond (pronuncia-se *Blum*) moram, provavelmente teríamos que abaixar a cabeça para passar pela porta baixa. Eles restauraram essa casa de telhado de palha, que estava quase em ruínas, localizada nos arredores de Frederícia e a mobiliaram com antigüidades. Suas paredes e prateleiras de madeira escura estão cobertas de obras de arte originais — incluindo um esboço a óleo de Carl Bloch, que retrata Cristo pregando o Sermão da Montanha, parte de uma série de obras de arte do pintor a respeito da vida do Mestre, que se encontram em exposição permanente no Castelo de Frederiksborg, em Hilleroed, próximo a Copenhagen.

Não somente na casa de Palle e Esther, mas também no estilo de vida que escolheram, sua noção do que é virtuoso, amável e louvável é aparente. Em toda a Dinamarca, os santos dos últimos dias estão fazendo escolhas conscientes — escolhas que refletem os princípios do evangelho restaurado.

Esther e Palle Blond de pé, nos fundos da casa da fazenda que restauraram, nos arredores de Frederícia, Dinamarca.

PRESERVAÇÃO DA BELEZA

Mesmo antes de decidirem aceitar o evangelho, Palle e Esther haviam decidido valorizar sua herança dinamarquesa. Eles estão empenhados no trabalho de preservar e apreciar sua arte, artesanato e belezas naturais e também o evangelho, que, em sua opinião, engrandece tal herança.

Nas palavras de Esther, Palle é um dos dois últimos artesãos restantes em toda a península principal da Dinamarca, Jylland, que ainda fazem o fino entalhe manual encontrado nas colunas, cornijas e molduras de parede da arquitetura antiga.

Além de artista e empreiteiro aposentado, Palle cria aves raras. Em grandes cercados atrás da casa, ao lado de sua oficina, encontramos aves de cores brilhantes em seus poleiros ou agarradas às grades de suas gaiolas, a cantar. Os periquitos reais de asas verdes e seus primos coloridos ainda não desapareceram por causa de pessoas como Palle.

Os amigos sorriem e dizem que Palle e Esther são, eles próprios, "aves raras". Seu gosto pela natureza encontrou uma maneira muito humanitária de expressar-se. Nos últimos vinte anos, eles têm levado grupos de deficientes físicos, a maioria deles em cadeiras de rodas, para acampar nos bosques durante o verão.

***Acima à esquerda*: Esboço original de Carl Bloch para a pintura de Cristo pregando o Sermão da Montanha, que se encontra em exposição permanente no Castelo Frederiksborg em Hilleroed, perto de Copenhagen. *Centro*: Karen e Oven Christensen, de Ribe, com os filhos (começando da esquerda) Rune, Bjorn, Camilla e Canna. *À direita*: Moinhos de vento, antigos e modernos, são uma característica da paisagem dinamarquesa. *Na outra página*: O presidente da estaca Århus, Carsten Larsen, desfruta um momento junto da filha, Maria, antes da conferência da estaca.**

"As vinte e cinco pessoas que levamos têm idades que variam de trinta a oitenta anos", diz Palle. "Ficamos em uma maravilhosa casa antiga, bem dentro da floresta. Passamos então os dias passeando juntos pela floresta, parando para fazer piquenique e admirar a beleza natural." Ele e Esther são também membros fundadores da sociedade nacional de esclerose múltipla e trabalham como voluntários na junta de saúde.

"Gostamos muito de estudar o evangelho juntos", diz Esther. Eles se filiaram à Igreja depois que os missionários os visitaram em casa, em 1954. "O casamento eterno tocou Palle e eu fiquei impressionada com o plano de salvação".

Eles receberam as palestras por algum tempo em 1956 e Palle sentiu-se espiritualmente tocado ao ler os escritos de Néfi. Então, certo dia, sem dizer nada a Esther, ele foi batizado. Em pouco tempo, Esther começou a perceber algo diferente nele e perguntou: — "Foi batizado, não foi?" Depois de mais algumas palestras missionárias, ela também foi batizada. Desde essa época, ela foi duas vezes presidente da Sociedade de Socorro e ele presidiu o ramo e o distrito, além de ter sido o primeiro bispo de Frederícia.

Seu batismo ocorreu pouco depois do centenário dos primeiros batismos na Dinamarca, ocorridos em 1850, após o Élder Erastus Snow ter aberto a Missão Escandinava. Hoje a Dinamarca tem duas estacas e 4.100 membros.

O CULTIVO DA TERRA

Outro membro da Igreja, cuja escolha consciente inclui uma casa em meio à bucólica beleza do interior do país, é Christian Kuntz, presidente do ramo de Sønderborg, que fica em frente do fiorde Flensborg, da Alemanha. Quando os missionários bateram à porta da casa da família Kuntz, a esposa de Christian convidou-os a voltarem, e apesar de nunca se ter filiado à Igreja, "ela me apóia muito e sempre o fez", diz ele.

Sua casa de pedra, entre jardins e animais, é espaçosa. Dentro das espessas paredes da casa da família Kuntz, o ramo se reunia em ocasiões especiais, durante o período de crescimento dos filhos, Soren e Susanne. Soren é hoje missionário em Seattle, Washington, e Susanne é estudante. Para Susanne, "ter reuniões do ramo na biblioteca de casa era algo muito natural para mim".

Uma escolha consciente também levou Ove e Karen Christensen à sua fazenda nos arredores de Ribe, a trinta e dois quilômetros de Esbjerg, o maior porto ocidental da Dinamarca.

Desde 1984, os Christensens cultivam cevada, trigo, ervilhas e framboesas em seus trinta e três hectares de

***Acima à esquerda*: Presidente Richardt Andersen, da estaca Copenhagen, em frente à sede da estaca. *Centro*: O coro das crianças canta na conferência da estaca Århus. *À direita*: Barcos e balsas melhoram e facilitam a viagem entre as cidades e vilas da Dinamarca, espalhadas por quase 500 ilhas.**

terra. Eles criam porcos e vacas para alimentação; cavalos, por esporte. Em alguns aspectos, os Christensens são dinamarqueses típicos: aproximadamente setenta por cento das terras dinamarquesas são destinadas à agricultura, predominando as pequenas fazendas como a deles. "Queríamos que nossa família usufruísse a vida na fazenda", diz Ove. "Temos experimentado muitas coisas boas ao cultivarmos a terra e aprendermos a lei da colheita".

Os traços físicos e a pele clara dos Christensens são acentuadamente nórdicos, assim como sua cálida hospitalidade. Diante dela, na mesa, está uma bandeja polida com pedaços de bolo cuidadosamente cortados, pãezinhos, queijos e uma jarra de vidro com suco feito em casa.

Os dinamarqueses são um povo sociável no qual parece não haver restado um traço sequer de seus ferozes antepassados vikings, que aterrorizaram o norte da Europa há mil anos. Para os dinamarqueses, receber visitas é sinônimo de lanche ou até mesmo de uma refeição. Os missionários que servem na Missão Dinamarca Copenhagen gostam de dizer, "Aqui na Dinamarca temos uma refeição por dia. Ela começa na primeira visita da manhã e só termina na última visita da noite".

Ove trabalha na equipe de enfermagem do hospital de Esbjerg há dezesseis anos e Karen trabalha lá há seis. Eles mantêm seus horários de serviço em turnos diferentes, de modo que sempre um dos dois possa ficar com os quatro filhos, cuja idade varia de dois a doze anos. "Ele é ótimo com as crianças enquanto eu estou trabalhando", diz Karen. "Ove é um pai maravilhoso".

Ela acrescenta: "As pessoas do hospital, que conheciam Ove antes de ele se unir à Igreja em 1981, atribuem seu enorme crescimento ao modo de vida que adotou". Karen filiara-se à Igreja em 1978, depois de haver morado em Nova York com uma prima por um ano. Hoje, ela trabalha na presidência da Primária da ala Esbjerg, e Ove dá aulas ao Sacerdócio Aarônico. Duas vezes por ano, Karen e Ove vão ao templo de Estocolmo, na Suécia, o que exige uma longa jornada de carro e balsa.

CUIDADOS COM O MAR

Não é preciso ir tão longe quanto o templo de Estocolmo para se precisar dos serviços de uma balsa. O próprio reino da Dinamarca constitui-se de um arquipélago de 483 ilhas ao redor de Jylland. Para ir de carro da estaca Århus, por exemplo, na costa leste de Jylland, à estaca Copenhagen, na costa leste de Sjaelland, a maior ilha do arquipélago, é necessário viajar parte dessa distância a bordo de uma balsa.

As balsas com aberturas em formato de mandíbulas em ambas as extremidades — para carregar em uma margem e descarregar em outra — são prova da engenhosidade dos dinamarqueses. As balsas são pontuais, eficientes e confortáveis. Uma vez a bordo, pode-se fazer uma refeição, olhar as vitrines das lojas ou dormir numa cabine, viajando tão tranqüilamente como se estivesse fazendo o percurso por cima de uma ponte.

O mar envolve e permeia praticamente todos os aspectos da vida na Dinamarca. Em qualquer ponto do país, nunca nos encontramos a mais de setenta e cinco quilômetros do mar. As rotas do Mar do Norte para a Inglaterra e Alemanha são o principal mercado para os produtos agrícolas. O comércio fez da Dinamarca um dos países mais ricos do mundo.

A frota mercante é a principal fonte de empregos e ela teria contratado Richardt Andersen, presidente da Estaca Copenhagen, se sua dedicação ao Senhor não tivesse mudado seus planos.

"Eu havia servido na Marinha Dinamarquesa e queria obter treinamento como navegador", lembra o presidente Andersen. Mas depois de terminar sua missão na Dinamarca, em 1970, casou-se com Helmi e tiveram o primeiro de seis filhos. Em vez de Esbjerg e uma vida no mar, ele foi chamado como bispo da segunda ala de Copenhagen e tornou-se policial. Ele tem sido presidente da estaca nos últimos nove anos.

"O maior desafio enfrentado pela Igreja na Dinamarca, hoje, consiste em estarmos morando num país sem religião", diz ele, suspirando profundamente. "Um ponto positivo que posso identificar no atual estado em que se encontra todo o país da Dinamarca é que o mal é tão ostensivo, que é visto como algo evidentemente errado pelas pessoas com senso moral. Para nossa juventude, por exemplo, é como o preto no branco."

Ele menciona as leis permissivas estabelecidas na década de sessenta, quando o país se tornou mais próspero. "De um momento para outro nosso país tornou-se rico e desejava mostrar ao mundo que essa riqueza nos trouxera compreensão e sofisticara-nos.

Então aprovamos leis que permitiam a pornografia, nudez nas praias, aborto voluntário, casamento de homossexuais. As barreiras morais foram derrubadas a toda a nossa volta".

Apesar de a Dinamarca não ser a única a enfrentar esses males sociais, o país despertou considerável interesse internacional por causa deles. Pelo lado positivo, o presidente Andersen vê que os membros da Igreja, juntamente com outras boas pessoas da Dinamarca, têm-se fortalecido mais do que nunca contra a tendência à imoralidade. "O casamento no templo realmente tem abençoado nosso povo", ele declara. "Contamos agora com muitas pessoas que são bastante fortes e que fazem o que deve ser feito. Seus filhos estão cumprindo missão e suas famílias são sólidas. Estamos alcançando a força necessária para levar o evangelho ao povo da Dinamarca".

UM NÚMERO CRESCENTE DE MISSIONÁRIOS

Nos últimos três anos o número de batismos de conversos na estaca Copenhagen duplicou, passando de vinte e sete em 1988 para uma centena em 1990. "Estamos colhendo os frutos do trabalho dos que nos precederam e esforçando-nos para completar o edifício cujos alicerces estabeleceram", diz ele. Esse seu esforço inclui trabalhos extras aos sábados, com os filhos, que estão juntando dinheiro para a missão; tudo o que ele ganha trabalhando com eles vai para o fundo.

Um exemplo dessa força missionária é Annette Mathiasen Jensen, de vinte e quatro anos. "Algo de especial nos missionários me fez ter o desejo de cumprir missão", diz ela. "Então, quando fui confirmada, fiquei feliz ao ouvir as palavras 'o Senhor se agrada com teu desejo de cumprir missão'".

De 1988 a 1990, Annette cumpriu missão de tempo integral na Dinamarca. Ela casou-se recentemente com Ole Jensen, da primeira ala de Odense e espera continuar seus estudos na área de comunicação para os surdos.

Na ilha de Odense, que é famosa por ser a terra natal de Hans Christian Andersen, Trine e Steen Kreiberg tinham respectivamente três e dois anos quando os missionários bateram à porta de sua casa. Seus pais, Finn e Inge, foram batizados e a família foi mais tarde selada

***Acima à esquerda*: O guitarrista clássico Jan Pedersen, em sua casa em Esbjerg, com a esposa, Marie-Hélène, e o filho, Allan. *À direita*: No estúdio de gravação de sua casa em Ballerup, Palle e Halbörg Hatting produzem músicas, trilhas sonoras e programas usados dentro e fora da Igreja. *Na outra página*: Desde 1966, os Dançarinos Mórmons da estaca Copenhagen têm feito apresentações internacionais de danças folclóricas.**

no templo. Hoje, Steen, que cumpriu missão em Oregon, e Trine já são eles próprios casados no templo. O marido de Trine cumpriu missão que serviu em San Antonio, Texas, e hoje é banqueiro em Odense. A esposa de Steen, Lone, é neta do patriarca da estaca Århus, Verner Buur.

A segunda geração de membros da Igreja da família Kreiberg é uma sólida evidência da afirmação do presidente Andersen a respeito da fortalecimento proporcionado pelo casamento no templo. Para Inge Kreiberg a maior prova disso é sua terceira filha, Caroline.

"Nunca teríamos tido Caroline se não nos tivéssemos unido à Igreja", explica Inge. Como a maioria das mulheres dinamarquesas, Inge achava que já tivera o número suficiente de filhos. "Eu achava que dois filhos e um emprego eram o suficiente. Então, certa noite, enquanto eu me preparava para dar uma aula do instituto, a respeito do papel da mulher na maternidade, parei subitamente. Sabia que não estava vivendo aquilo que era ensinado na aula."

Ela lembra-se de ter acreditado que o que a aula ensinava era verdade. Sabia que precisava estudar e orar a respeito da maternidade e seu estudo tornou-se intenso e pessoal. Por fim, decidiu que, para ela, ter outro filho era o certo — uma escolha muito significativa na Dinamarca. Agora, Finn, Inge e Caroline, de onze anos, moram em Odense, em uma sólida casa com janelas de armação de chumbo, adaptação de uma antiga estação ferroviária abandonada, na qual Finn havia brincado quando menino.

RECEBER PODER NO TEMPLO

A perspectiva da eternidade e os convênios do templo também fortaleceram o casamento de Knud e Bodil Christensen. Knud é gerente de uma loja de material eletrônico e eletrodomésticos, e Bodil é professora. Eles passaram por muitas provações, devido a problemas de saúde, lembra Bodil, que hoje é presidente da Sociedade de Socorro do Ramo de Herning.

"Houve muitos obstáculos a vencer, mas sempre pudemos contar com o apoio um do outro", diz Bodil. Estas palavras suaves referem-se às dificuldades por ela enfrentadas ao dar à luz, à luta de Knud contra o câncer e à subseqüente quimioterapia, radioterapia e período de convalescença, a meningite de sua filha pequena Katharine, e à fé e à gratidão que todas essas provações fizeram crescer no lar da família Christensen.

"Ir ao templo para nos fortalecermos tem sido a essência espiritual de nosso casamento", acrescenta Knud. Ele é um homem de força tranqüila, enquanto a

BRASS

***À esquerda*: Henny Klitgaard em sua casa em Aalborg, onde ela e o marido, Preben, dão aulas de dança. *Centro*: Knud e Bodil Christensen, do ramo Herning, com sua caçula. *À direita*: O ator shakespeareano Eddie Karnil e a esposa, Ida, na sua casa em Odense.**

esposa é mais extrovertida; mas estão sempre juntos nas provações.

Assim como a Dinamarca é quase toda cercada de água, com imagens contrastantes de purificação das águas e de poluição, os próprios dinamarqueses encontram-se cercados por um mar de tentações. A prosperidade trouxe disponibilidade de tempo e recursos, além de uma oportunidade de escolhas nunca vista até então.

Bancas de jornais, clubes noturnos, cinemas e televisão mostram a imoralidade de modo tão explícito, que as pessoas sensíveis precisam ter cuidado constante. Se o mesmo tipo de engenhosidade e decisão que conquistaram os mares pudesse ser usado contra o mar de imoralidade que carrega muitos dinamarqueses, sua prosperidade e progresso seriam uma bênção educativa.

A Dinamarca há muito é respeitada pela beleza simples e funcional de sua arquitetura, seus móveis e sua arte. As pessoas que se deixaram arrastar pela terrível tempestade da pornografia e da permissividade denegriram essa herança, causando um distúrbio desnecessário àquelas águas tranqüilas.

DESEJAR O QUE É CORRETO

O direito de escolha pode ser algo solitário, como Jette (pronuncia-se *lette*) Schmitz, de Aalborg, descobriu ao filiar-se à Igreja. Jette fala com franqueza a respeito de um casamento de nove anos, que não resistiu à sua conversão. "Sou hoje mais forte do que jamais poderia ter sido sem a Igreja", diz Jette. "Ela trouxe um rumo claro para minha vida. Sou tão grata pelo que tem feito por mim, que sempre a menciono quando converso com as pessoas".

Num país onde menos de três por cento das pessoas freqüentam uma igreja, cabe dizer que Jette não é uma dinamarquesa típica. Considerando que os dinamarqueses são de modo geral muito reservados, ela é incomumente extrovertida. Adaptou-se de modo tão natural ao chamado de diretora de assuntos públicos da ala, que não hesitou em ligar para a emissora de televisão local, a fim de anunciar que a juventude da estaca Århus estava apresentando uma peça.

"Achei extraordinário que, enquanto a maioria dos jovens dinamarqueses passam o tempo todo sem fazer nada, esses adolescentes tivessem decidido empregar todo o seu tempo para ensaiarem e apresentarem uma peça; parecia algo que valia a pena ser anunciado." A emissora de televisão parece ter pensado o mesmo. Seu telefonema resultou em um segmento televisionado, informando os telespectadores a respeito da Igreja na Dinamarca.

Jette é um dos muitos membros da Igreja na

Dinamarca que gosta de dançar quadrilha. Não é a primeira coisa que nos vem à mente quando pensamos na Dinamarca, mas, já desde 1952, os dinamarqueses vêm adotando a quadrilha tradicional americana como uma variedade da dança folclórica dinamarquesa.

Em 1982, Preben Klitgaard, membro da Igreja de Aalborg, escreveu um livro a respeito de quadrilha. A partir daí, o irmão Klitgaard e a esposa, Henny, têm-se dedicado ao ensino e a apresentações da quadrilha. Para eles, encher o salão de sua casa, quatro noites por semana, com os sons de passadas ritmadas, palmas e gritos, tornou-se um instrumento missionário.

Seus filhos, Susanne, Elisabeth e Jimmy também adoram participar. Isso se tornou o passatempo favorito da família e, depois, muito mais que isso. "O interesse em dançar quadrilha era tão grande", explica a irmã Klitgaard, "que Preben e eu passamos a dar aulas numa escola noturna. Quando a multidão ultrapassou a capacidade do salão alugado, construímos uma nova ala em nossa casa para atender a esse crescimento".

Freqüentemente, após uma aula de quadrilha, conta ela, as pessoas ficam para conversar e perguntam a respeito do estilo de vida dos Klitgaards. "Para nós, isso é um convite aberto para que prestemos testemunho, porque é o evangelho que nos deu um propósito na vida. A dança abriu o coração de muitas pessoas ao evangelho".

Não são apenas os adultos que gostam de dançar quadrilha dinamarquesa. A estaca Copenhagen orgulha-se do seu grupo de jovens, denominado Mormon Danserne (Dançarinos Mórmons), que conserva uma tradição de vinte e cinco anos em danças folclóricas e que teve início em uma conferência de jovens em Estocolmo, Suécia, em 1966. Vestidos inteiramente a caráter, com anáguas de estilo americano e vestidos xadrez de algodão, dando largas passadas e batendo palmas, esses entusiastas dão sua contribuição à dança folclórica tradicional. Sob a experiente direção de Marion Als, da ala IV de Copenhagen, eles têm-se apresentado em palcos, festivais e na televisão, do Jardim Tivoli, em Copenhagen, até na Alemanha e Suécia.

À medida que a Igreja cresce na Dinamarca, mais e mais membros se destacam aos olhos do público. As fotografias das Ilhas Faeroe, tiradas por Palle Hattig, foram publicadas pelo serviço postal em um volume comemorativo. Jan Birk, da Ala I de Odense, tem um programa de rádio que trata de questões de família. Ele e a esposa, Carol, têm dez filhos e tornaram-se famosos na mídia dinamarquesa como advogados de questões de família. "Os valores do evangelho ensinaram-nos verdades que compartilhamos livremente para ajudar outras famílias", diz o irmão Birk.

Eddie Karnil, de Odense, é provavelmente mais conhecido na Dinamarca como Ricardo III. Seu desempenho em peças de Shakespeare foi elogiado e considerado um dos melhores da Dinamarca; e sua representação do personagem Scrooge, de Charles Dickens, tem sido um clássico anual no Teatro de Odense. Ele e a esposa têm sete filhos.

Outro membro da Igreja cujas apresentações têm conquistado a atenção do público é o guitarrista clássico Jan Pedersen, de Esbjerg, que cumpriu missão em Londres. Sua esposa, Marie-Hélène, foi missionária em Bruxelas. Tendo estudado durante sete anos em um conservatório musical, Jan faz apresentações freqüentes, dirige uma escola de música e dá aulas particulares. Todos esses membros dinamarqueses são missionários óbvios na Dinamarca.

"Esta é uma terra especial", diz o presidente Richardt Andersen. "Na Dinamarca há muitas coisas que merecem ser preservadas e há muita coisa boa a ser feita. Os santos dos últimos dias dinamarqueses aparecem, cada vez mais, como uma grande força em prol do bem."

Os membros dinamarqueses procuram demonstrar claramente seu respeito pelo que de melhor existe na Dinamarca: sua beleza natural e simples, o poder de vida encontrado em seu solo, a renovação e a regeneração de suas águas e sua rica herança cultural e artística.

Como representado nas finas figuras da famosa porcelana real de Copenhagen — a ordenhadora com avental e xale, a mãe lendo para uma criança sentada no colo, ou as meninas de touca e roupa de banho que lhes chega aos tornozelos — a pureza e a simplicidade são virtudes eternas. Essas inocentes imagens refletem-se nas escolhas conscientes feitas pelos santos dos últimos dias dinamarqueses, que estão vivendo e compartilhando o evangelho diariamente. □

O Canto da Gratidão

Lisa Ray Turner

Ajoelhei-me ao lado de meu filho de três anos de idade e ouvi sua oração antes de se deitar: "Sou grato por minha mãe e meu pai, pela neve e pelas nuvens. Sou grato por Papai Noel (Pai Natal, em Portugal). Sou grato pelas pizzas e por meu irmão mais velho. Obrigado pelo alimento. Obrigado por tudo".

Aguardei enquanto ele hesitava. Com um inventário tão grande de bênçãos, presumi que estava indeciso entre continuar a lista ou pular para a cama quente e convidativa. Após uma longa pausa, acrescentou: "Oh, e por favor abençoe nosso gato velho e bobo". Terminou, então, a oração com um enfático *amém*.

Tentei lembrar-me da última vez que agradecera ao Senhor por coisas como essas. Certamente minha vida era cheia de pequenas bênçãos. Assim como meu filho, eu achava que pizzas eram deliciosas, mas nunca as incluíra em minhas orações. Apreciava a neve e as nuvens, também, mas tampouco as mencionava.

Quantas coisas ele reunira em sua oração! Quisera que minhas orações fossem tão autênticas, que meu coração estivesse cheio dessa gratidão pelas coisas simples do dia-a-dia!

Gostava de pensar que as omitia por serem insignificantes demais para constar dos importantes agradecimentos e apelos de um adulto. Sabia, porém, que na realidade nem as notava mais. Vivia tão ocupada com listas do que precisava fazer e com minhas responsabilidades, que não prestava atenção às pequeninas flores roxas que pontilhavam o quintal, à complexidade das folhas, ou ao cheiro da terra molhada pela chuva. Se nem estava consciente desses prazeres, como poderia ser grata por eles?

Meus filhos, ao contrário, observavam todos os detalhes de sua vida. Nada lhes escapava aos olhos observadores e corações compreensivos. Meu filho de cinco anos corria pelo simples prazer de sentir o corpo saudável movimentar-se — não para queimar calorias ou atingir o batimento cardíaco desejado. Meu filho de três anos dançava efusivamente sempre que ouvia música e amassava lama com os pés apenas para sentir o lodo morno escorrendo por entre os dedos. O bebê era um perfeito exemplo de alegria. Ele experimentava bolhas de sabão, lambuzava o cabelo com suco de maçã e perseguia besouros negros, brilhantes — liberto das noções de limpeza, ou da repugnância dos adultos em relação a criaturas de seis patas.

Certamente eu já fora como meus filhos, mas, de algum modo, perdera sua espontaneidade e deslumbramento. Em minha vida tão adulta, tão ocupada, esquecera-me da alegria das atividades do dia-a-dia. Havia esquecido a gratidão pelo comum, pelo costumeiro, pelo simples.

Naturalmente era grata pelas "grandes bênçãos". Agradecia ao Senhor constantemente pela saúde, pela família e pelo evangelho. Era impossível ignorar estes dons. Uma ida ao hospital ou uma doença transitória constituíam lembretes vigorosos de que a saúde era uma bênção tangível, não simplesmente algo para ser incluído em orações

apressadas e resmungadas. Jantares em datas festivas, bilhetes carinhosos escritos por meus filhos e abraços apertados faziam com que me lembrasse de agradecer por uma vida familiar rica e gratificante. Orações respondidas ou reuniões sacramentais inspiradoras impeliam-me a agradecer ao Senhor pelo evangelho.

Era também fácil demonstrar gratidão durante crises. Concordei com o comentário feito por Elie Wiesel (autor norte-americano nascido na Romênia em 1928 e sobrevivente dos campos de concentração da Segunda Guerra Mundial), ao aceitar o Prêmio Nobel da Paz de 1986: — "Ninguém é mais capaz de gratidão do que aquele que emergiu do reino das trevas".

Embora eu não tivesse sofrido as atrocidades do Holocausto, como Elie Wiesel, a gratidão vinha rápida e fervorosa após os períodos sombrios de minha vida. Foi fácil exprimir gratidão quando, após uma série de terríveis abortos acidentais, meu primeiro filho nasceu saudável e no tempo certo.

Enchi-me de gratidão quando meu segundo filho se recuperou de uma doença crítica e devastadora. Meu coração cantou com gratidão quando minha terceira gravidez resultou, apesar de complicações, no nascimento de um menininho robusto.

O que acontece, porém, com a gratidão no dia-a-dia? Isso também não faz parte do evangelho? Naturalmente, uma vida concentrada no evangelho inclui crenças, adoração, dever e amor. Gratidão, porém, tem que fazer parte dessa vida.

Ao pensar na gratidão infantil, lembro-me da recomendação de Cristo de nos tornarmos como criancinhas. Talvez para me tornar como uma criança deva aprofundar minha capacidade de sentir gratidão e de agradecer. Minha consciência das ocupações adultas havia agredido meu senso de gratidão por um tempo demasiadamente longo. Não queria mais ficar tão ocupada que deixasse de notar minhas bênçãos — grandes ou pequenas — e as pessoas que enriqueciam minha vida. Então tomei a decisão consciente de praticar a gratidão da mesma forma que estudava piano quando criança — diária e conscienciosamente, com persistência.

Coisas maravilhosas aconteceram — não no sentido terreno ou em nível grandioso, óbvio, mas em coisas pequenas, corriqueiras. Vi o mundo com novos olhos.

Comecei a notar o pôr-do-sol. Estivera sempre lá? Passei a arrastar minha família para fora, a fim de que vissem os extraordinários matizes do roxo e do rosa no céu. Comecei a observar a beleza do rosto de meu bebê — mesmo quando estava cheio de purê de ervilhas e de molho seco de frango. Observei meu marido aconchegar ternamente nossos filhos em suas camas à noite e lembrei-me de quanto o amava. Comecei a brincar na areia com as crianças e a apreciar a textura da areia branca, granulada. Comecei a sentir gratidão, mesmo sem um "reino das trevas".

Sempre achara que gratidão era um sentimento como amor ou ódio — algo que nos vinha naturalmente. Gratidão, porém, é mais uma virtude, como esperança ou fé — algo que talvez não nos venha naturalmente, mas que pode ser aprendido (ou reaprendido), ao nos tornarmos como criancinhas. Ela pode ser praticada e, como um trecho difícil de um estudo de Chopin, torna-se mais fácil com a prática.

Mesmo quando aprendida com perfeição, a gratidão não resolve todos os problemas. Não é uma atitude fingida de ignorar as imperfeições e as mágoas da vida nem uma atitude egoísta, de auto-exaltação. Não apaga o pesar e o sofrimento, mas pode tornar mais fácil suportá-los. Pode nutrir-nos espiritualmente e aparar as arestas de nossa vida atribulada.

Por sermos tão ocupados, com tantas atividades e obrigações disputando-nos a atenção, nem sempre é fácil agradecer ou, como o hino sugere, contar nossas bênçãos. Contar bênçãos não é algo particularmente popular hoje em dia. O mundo leva-nos a concentrarmo-nos naquilo que *não* temos — dinheiro para um carro novo, para férias extravagantes e para bens materiais ilimitados.

Apesar do enfoque do mundo nessa atitude auto-indulgente, o evangelho ensina-nos que a gratidão é fundamental. O Salvador demonstrou sua importância em Lucas 17:11–19. Jesus curou dez leprosos e, dos dez, apenas um voltou para agradecer. O homem glorificou a Deus e prostrou-se aos pés de Cristo para agradecer-lhe. Jesus lhe perguntou: "Não foram dez os limpos? E onde estão os nove?" (Versículo 17).

Faço a mesma pergunta com freqüência. Onde estavam aqueles nove homens cuja vida foi completamente transformada — párias que novamente se tornaram parte da sociedade, como pessoas saudáveis e perfeitas? Como puderam nem sequer dizer um simples "obrigado", após haverem sido curados de um mal tão repugnante? Não compreenderam eles a magnitude do milagre? Os pais deles esqueceram-se de ensiná-los a agradecer?

Não creio nisso. Apesar de as escrituras não mencionarem, acho que eram atormentados pelas mesmas dificuldades que enfrentamos hoje, dois mil anos mais tarde. Talvez a vida deles fosse repleta de detalhes e trivialidades. Talvez estivessem tão envolvidos com a própria vida, que simplesmente houvessem se esquecido. Talvez estivessem impacientes para voltar para as famílias e para a comunidade, querendo esquecer sua vida anterior. O relato de Lucas não diz. Sabemos, porém, que apenas um retornou.

Esse foi verdadeiramente abençoado, e não apenas porque se recuperou de seu mal cruel. Ele foi especialmente abençoado por não ter perdido o espírito de gratidão. Muitas criancinhas são como aquele leproso. Elas sentem gratidão.

Após ouvir meu filho agradecer pelas pizzas, bem como pelos pais e irmãos mais velhos, comecei a ser mais como o leproso curado — mais como meus três filhos. Comecei a sentir-me grata por cobertores quentes, nuvens de algodão brancas e fofas e tulipas brancas. Passei a agradecer por três meninos espertos e travessos, por um inverno sem infecções de ouvido e por um marido amoroso.

Comecei a entoar o canto da gratidão. □

***Proselitismo entre os Índios*, de Winfred R. Geisler**

Em 1885, missionários visitaram os índios Shoshone de Wind River (Wyoming) levando um Livro de Mórmon e uma carta de amizade de Brigham Young. O chefe índio Washakie aceitou os presentes contando a seus subchefes que o "Pai acima das nuvens" dissera a Brigham Young que enviasse os missionários. Isso foi o início de uma longa amizade entre Washakie e os santos dos últimos dias.

Os jovens da Estaca Århus, *acima*, e da Estaca Copenhagen, *abaixo*, estão entre os membros da Igreja que vêm se tornando uma força para o bem na Dinamarca. Vide "Mar, Terra e Almas na Dinamarca", página 36. (Fotografia de Giles H. Florence, Jr.)

93986059